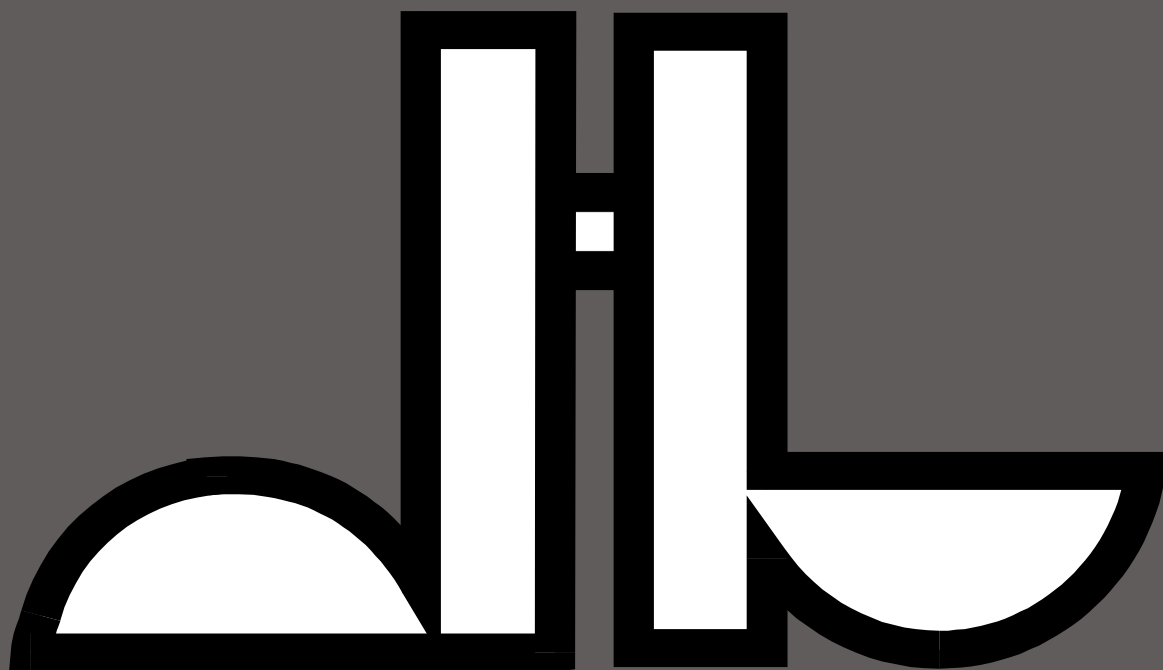




REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

ANO LX - Nº 11 - QUINTA-FEIRA, 15 DE SETEMBRO DE 2005 - BRASILIA-DF

MESA DO CONGRESSO NACIONAL

Presidente

Senador **RENAN CALHEIROS** – PMDB – AL

1º Vice-Presidente

Deputado **JOSÉ TOMAZ NONÔ** – PFL – AL

2º Vice-Presidente

Senador **ANTERO PAES DE BARROS** – PSDB – MT

1º Secretário

Deputado **INOCÊNCIO OLIVEIRA** – PMDB – PE

2º Secretário

Senador **JOÃO ALBERTO SOUZA** – PMDB – MA

3º Secretário

Deputado **EDUARDO GOMES** – PSDB – TO

4º Secretário

Senador **EDUARDO SIQUEIRA CAMPOS** – PSDB – TO

CONGRESSO NACIONAL

Faço saber que o Congresso Nacional rejeitou o veto total aposto ao Projeto de Lei da Câmara nº 1, de 2005 (PL nº 4.712, de 2005, na Câmara dos Deputados), e eu, Renan Calheiros, Presidente do Senado Federal, nos termos do § 7º do art. 66 da Constituição Federal, promulgo a seguinte Lei:

LEI Nº 11.169, DE 2 DE SETEMBRO DE 2005

Altera a remuneração dos servidores públicos integrantes dos Quadros de Pessoal da Câmara dos Deputados.

Art. 1º Fica alterada em 15% (quinze por cento), a partir de 1º de novembro de 2004, a remuneração dos servidores públicos da Câmara dos Deputados.

Parágrafo único. Ficam revogados, no âmbito da Câmara dos Deputados, os efeitos do Ato Conjunto nº 1, de 2004, das Mesas Diretoras do Senado Federal e da Câmara dos Deputados.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Senado Federal, 2 de setembro de 2005. 184º da Independência e 117º da República. – Senador **Renan Calheiros**, Presidente.

Faço saber que o Congresso Nacional rejeitou o veto total aposto ao Projeto de Lei do Senado nº 371, de 2004 (PL nº 4.845, de 2005, na Câmara dos Deputados), e eu, Renan Calheiros, Presidente do Senado Federal, nos termos do § 7º do art. 66 da Constituição Federal, promulgo a seguinte Lei:

LEI Nº 11.170, DE 2 DE SETEMBRO DE 2005

Altera a remuneração dos servidores públicos integrantes dos Quadros de Pessoal do Senado Federal.

Art. 1º É alterada em 15% (quinze por cento), a partir de 1º de novembro de 2004, a remuneração dos servidores públicos do Senado Federal e dos seus Órgãos Supervisionados.

Parágrafo único. São declarados insubsistentes, no âmbito do Senado Federal e dos seus Órgãos Supervisionados, os efeitos do Ato Conjunto nº 1, de 2004, das Mesas da Câmara dos Deputados e do Senado Federal.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Senado Federal, 2 de setembro de 2005. 184º da Independência e 117º da República. – Senador **Renan Calheiros**, Presidente.

ELABORADO PELA SUBSECRETARIA DE ATA DO SENADO FEDERAL

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 – ATA DA 10ª SESSÃO CONJUNTA (SO- LENE), EM 14 DE SETEMBRO DE 2005

1.1 – ABERTURA

1.2 – FINALIDADE DA SESSÃO

Destinada a homenagear o ex-Governador e

Deputado Miguel Arraes..... 05129

1.2.1 – Mensagem do Presidente do Con- gresso Nacional (Senador Renan Calheiros)

1.2.2 – Oradores

Senador Ney Suassuna 05130

Deputado Renildo Calheiros 05130

Senador Sérgio Guerra 05131

Deputado Renato Casagrande 05132

Senador José Jorge 05133

Deputado Fernando Ferro 05134

Deputado Arlindo Chinaglia 05135

Deputado Colbert Martins 05136

Senador Arthur Virgílio 05136

Senador Aloizio Mercadante 05137

Deputado José Carlos Aleluia 05138

Senador Mão Santa 05139

Senador Pedro Simon 05141

Senador Tasso Jeiressati 05142

Deputado Simão Sessim 05142

Deputado Luiz Piauhyllino 05143

Senador João Capiberibe 05144

Deputado José Chaves 05145

Deputado Inaldo Leitão 05146

O Sr. Presidente (Deputado Inocêncio Olivei-
ra) 05146

Senador Marcelo Crivella 05147

Senador Cristovam Buarque (Art. 203, do
Regimento Interno do Senado Federal) 05148Senador Flexa Ribeiro (Art. 203, do Regimento
Interno do Senado Federal) 05148Deputado Alexandre Cardoso (Art. 203 do
Regimento do Senado Federal) 05150

1.3 – ENCERRAMENTO

2 – COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇA- MENTOS PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO

3 – CONSELHO DA ORDEM DO CONGRES- SO NACIONAL

4 – CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SO- CIAL

5 -COMISSÃO PARLAMENTAR CONJUNTA DO MERCOSUL (Representação Brasileira)

6 – COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA (CCAI)

Ata da 10ª Sessão Conjunta (Solene), em 14 de setembro de 2005

3ª Sessão Legislativa Ordinária da 52ª Legislatura

Presidência do Sr. Inocêncio Oliveira

(Inicia-se a sessão às 11 horas e 6 minutos, no Plenário do Senado Federal)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE) – Solicito aos Srs. convidados que ocupem seus lugares.

Declaro aberta a sessão solene destinada a homenagear o ex-Governador e Deputado Miguel Arraes, no transcurso do trigésimo dia de seu falecimento.

Convido a compor a Mesa o Ex^{mo} Sr. Deputado Federal Eduardo Campos, ex-Ministro da Ciência e Tecnologia. (Pausa.)

Convido os filhos do Dr. Arraes, como o chamávamos carinhosamente, José Almino de Alencar e Carlos Augusto Arraes de Alencar. (Pausa.)

Convido o Ministro da Integração Nacional Ciro Gomes. (Pausa.)

Convido o Ministro de Estado da Ciência e Tecnologia Sérgio Machado Rezende. (Pausa.)

Sr^{as} e Srs. Congressistas, familiares do Deputado Miguel Arraes, o Presidente do Congresso Nacional, Senador Renan Calheiros, deveria presidir esta sessão, mas, por compromisso anteriormente agendado e inadiável, aqui não pôde estar presente. Entretanto, S. Ex^a encaminhou à Mesa a seguinte mensagem:

No momento em que homenageamos nosso saudoso Deputado Miguel Arraes, precisamos reconhecer: o Brasil ficou mais pobre com a morte do velho líder socialista. Mais pobre de sonhos, mais pobre de esperança e de ideais políticos.

Estamos órfãos de nossos grandes líderes políticos. Arraes foi o último grande nome de uma geração histórica, ao lado de Leonel Brizola, Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Mário Covas, Teotônio Vilela...

Arraes será para sempre lembrado como um dos símbolos da resistência no período da ditadura e um dos homens públicos mais incansáveis na luta pela igualdade e pelas causas sociais.

No Nordeste, mais que um líder, firmou-se como um mito. Pioneiro na luta por benefícios da legislação trabalhista para os trabalhadores rurais, defensor ferrenho da reforma agrária desde a época das Ligas Camponesas, sempre atento às necessidades dos excluídos, o líder socialista era adorado pelo povo sertanejo.

Referência popular antes do golpe de 64, ícone da resistência durante a ditadura, Miguel Arraes esteve presente na articulação dos mais significativos momentos dos últimos cinquenta anos da História do País.

Como deputado estadual, prefeito do Recife, governador de Pernambuco ou deputado federal, jamais se afastou de seu compromisso com as causas populares.

Não negociou acordos duvidosos, não abriu mão de suas convicções políticas, não se desviou de uma conduta ética e digna.

Não por acaso, sempre teve o respeito de adversários políticos e sempre foi interlocutor de influência junto às maiores figuras políticas do país.

A honradez e o espírito público com que o velho Arraes se conduziu ao longo de toda sua trajetória política não se perdem, com sua morte. Ele entra para a História do Nordeste como um mito. E entra para a História do país como um dos maiores e mais queridos líderes de nossa política, lúcido, conciliador.

Mais que isso: nesse momento de incerteza, de perplexidade no cenário nacional, Miguel Arraes se firma como referência ética para todos os que sonham com um Brasil mais justo e menos desigual. Que acreditam que a política pode, sim, ser conduzida de forma digna e grandiosa, com a paixão e a coerência dos grandes ideais.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE)
– Para falar em nome do PMDB, Partido do Movimento

Democrático Brasileiro e da Maioria, concedo a palavra ao nobre Líder, Senador Ney Suassuna.

O SR. NEY SUASSUNA (PMDB – PB. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador) – Sr. Presidente, Srs. Ministros, Srs. Senadores, Srs. Deputados, familiares, falar de Arraes para nós realmente é falar de um mito.

Nós somos vizinhos na fronteira. Muitas cidades são divididas entre Pernambuco e a Paraíba. E muitas vezes entramos numa rua na Paraíba e quando passamos para a outra, já é Pernambuco. E a gente invejava o amor que os pernambucanos tinham pelo Dr. Arraes. Nas campanhas a gente via. Tínhamos que ter todo essa paixão e esse amor do lado de cá também. Não é que não tivéssemos. Tanto é que fomos eleitos eu e José Maranhão nas campanhas que enfrentamos. Mas era diferente a qualidade de amor. Lá era pai Arraes. E eles diziam com alegria que bastava um fio de bigode dele para resolver. Palavra dada era assunto resolvido. Ele era um homem realmente quase milagroso.

Acompanhamos a vida do Dr. Arraes em toda a sua trajetória: momentos de glória, muitos, seu sofrimento, seu exílio na Argélia. E, ultimamente, eu tinha até privado muito do convívio com o nosso Dr. Arraes nas viagens daqui para Pernambuco: sempre íamos na classe executiva, onde as passagens são reservadas anteriormente, e eu quase sempre sentava ao seu lado para minha alegria.

E lembro bem a última vez que nos encontramos aqui com o Presidente da Argélia e, depois, numa conversa enquanto viajávamos, comentou comigo: “Você viu, Suassuna, eu perguntei por 10 amigos, 8 morreram. Realmente, o tempo é inexorável, e temos que nos curvar a essa inexorabilidade do tempo”.

Vai-se o homem. A memória e o mito ficam. Pobre Brasil, que tem perdido tantas pessoas que fizeram com que a política fosse admirada. Hoje estamos vivendo dias difíceis, muito difíceis, Ministro Ciro, e, em meio a essas dificuldades, cresce ainda mais uma figura como Arraes, amada, uma figura de ideal, de persistência, de correção, enfim, um homem que viveu para o povo e para os ideais de melhoria de qualidade de vida do seu povo.

Por isso, neste dia de hoje, apresento aos familiares os mais estremecidos votos e digo que a Paraíba sentiu muito. Vi lá a tristeza do povo. O exemplo dele contagiava a todos nós. Mas, com toda certeza, o Brasil, até mais do que Pernambuco – que sentiu demasiado – o Brasil inteiro sentiu por extensão em todos seus recantos. Foi-se um líder. Fica a memória, e devemos reverenciá-la. Ainda bem que ele tem seguidores, não só no Partido mas também entre os familiares.

E espero que essa imagem seja perpetuada para que sempre tenhamos como exemplo os atos, as ações e a firmeza do velho Arraes.

Obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE) – Concedo a palavra ao ilustre Líder do PCdoB na Câmara dos Deputados, Deputado Renildo Calheiros, para falar em nome do seu Partido.

O SR. RENILDO CALHEIROS (PCdoB – PE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente desta sessão, Deputado Inocêncio Oliveira, Ministro Ciro Gomes, Ministro Eduardo Campos, Presidente Amaral, Augusto, todos os familiares do Governador Miguel Arraes, Senadoras, Senadores, Deputadas, Deputados, disse muito bem o Congressista Ney Suassuna e também a mensagem do Presidente do Congresso Nacional, Renan Calheiros, que perdemos um dos grandes homens públicos de nosso País, Governador do Estado de Pernambuco em três oportunidades, Deputado Federal em vários mandatos, Deputado Estadual, Secretário da Fazenda do Estado de Pernambuco, Presidente Nacional do PSB, o líder político de mais prestígio popular que conheci em toda minha vida.

Tive eu a feliz oportunidade de conviver com o ex-Governador Miguel Arraes durante muitos anos na Câmara dos Deputados em um mandato anterior, neste mandato mais recente e também como seu assessor, quando integrei a equipe do Ministro Eduardo Campos, na Secretaria do Governo, e tive a oportunidade de conversar demoradamente com o Governador Miguel Arraes em várias oportunidades.

O Governador Miguel Arraes, de todos os políticos que conheci, foi o homem que tratava com mais atenção a pesquisa. Nunca vi alguém ter um interesse tão grande, tão profundo pela ciência e pela pesquisa como o Governador Miguel Arraes.

Engraçado que as pessoas mais distantes não faziam essa leitura do Governador Miguel Arraes. Ele era um homem muito preocupado com a modernidade, com o desenvolvimento da ciência, com o desenvolvimento da tecnologia. Acompanhava várias pesquisas ao mesmo tempo, realizadas em Pernambuco, no Brasil e até fora do Brasil. Era um homem muito ligado à descoberta dos novos conhecimentos, sempre procurando encontrar, descobrir como isso poderia ser útil ao Brasil, principalmente à população brasileira, principalmente à nossa população mais pobre, com quem ele era muito identificado, com quem era muito ligado.

O Governador Miguel Arraes tinha, como poucos, a percepção do importante país que é o Brasil, com a sua dimensão geográfica, com as suas riquezas naturais e com todo o seu potencial de desenvolvimento.

Arraes tinha, como ninguém, a concepção e a defesa dos chamados interesses nacionais, tão fora de moda nos dias em que vivemos.

Arraes conjugava muito bem duas palavras muito esquecidas pela grande mídia, pela grande imprensa, por alguns dos nossos analistas. Arraes tinha um foco centrado na Nação e no povo. Essas eram duas palavras que, na minha maneira de ver, sintetizavam toda a sua ação política, todo o seu compromisso político.

Arraes era um homem de muita coragem, Arraes enfrentou, principalmente na década de 60, dias difíceis. Mas Arraes nunca perdeu a sintonia com o Brasil e nunca perdeu a identidade daquele que deveria ser realmente o seu papel. Eu me lembro e tive oportunidade de rever, semana passada, em um programa de televisão exibido pelo PSB, da volta de Arraes do exílio, quando descia no Aeroporto do Galeão. As palavras utilizadas por ele e repetidas por aquela quantidade de pessoas ali presentes, num discurso de improviso, sem serviço de som, sem microfone, mostravam ser um homem sintonizado com as aspirações do Brasil, com as aspirações do povo brasileiro.

Arraes nunca fez concessões nas questões que julgava fundamentais. Também sempre compreendeu que um País como o Brasil, um Estado como o de Pernambuco necessitavam de alianças políticas amplas, onde se pudessem juntar aquelas pessoas que tinham o compromisso com o desenvolvimento do Estado e do País.

Arraes foi, nesse período político em que vivi, o político mais importante que conheci, o homem mais identificado com o povo e com as questões nacionais. Andei com o Governador Miguel Arraes por todo o Estado de Pernambuco, por cidades grandes, cidades pequenas, povoados. E uma coisa me chamava a atenção: onde estivesse, Arraes sempre tratava, em seus pronunciamentos, das questões do Brasil, das questões da necessidade do nosso desenvolvimento e das melhorias das condições de vida da população. Todos os seus pronunciamentos tinham essa marca. Independentemente de onde estivesse falando, fazia sempre um discurso profundo, de quem tinha a noção de que falava para muito mais pessoas, para a Nação ouvir.

Eu queria deixar a todos os familiares do Governador Miguel Arraes um grande abraço. Ao Ministro Eduardo Campos, Deputado Federal, que foi o seu auxiliar mais direto como Chefe de Gabinete, como Secretário de Governo, como Secretário da Fazenda, e meu amigo, um grande abraço.

Sei da dor que todos estão sentindo, mas quero dizer que não é uma perda apenas da família, mas de

todo o Estado de Pernambuco, de todo o Brasil e de todo o Congresso Nacional.

Tivemos, com a morte de Arraes, um grande prejuízo. O que nos conforta é termos consciência das lições, dos ensinamentos deixados por ele e, sobretudo, da grande contribuição que deu ao Estado, ao Brasil e à população mais pobre de nosso País. Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE) – Concedo a palavra ao ilustre Senador Sérgio Guerra, autor do requerimento no Senado Federal.

O SR. SÉRGIO GUERRA (PSDB – PE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Srs. Senadores, Srs. Deputados, membros da Mesa, Ministro Ciro Gomes, Sérgio Resende, filhos e parentes do Governador Miguel Arraes, meus amigos e minhas amigas, o Senado já fez, nos últimos trinta dias, várias homenagens ao Governador Arraes. Eu próprio já me pronunciei aqui depois da sua morte. Alguns dos bons momentos do Senado nesta legislatura foram relevantes para a vida pública brasileira, mas eu assisti aqui, no Senado, há cerca de quinze dias, a uma sessão na qual vários dos melhores Senadores brasileiros se manifestaram sobre a vida, a figura pública e o homem Miguel Arraes. Destacaria, entre todos, a palavra do Senador Pedro Simon. Não sei se a família do Governador Arraes tem o discurso que fez aqui o Senador Pedro Simon, mas, seguramente, será insuperável na sua capacidade de entender e explicar a muitos o papel do Dr. Arraes na vida de Pernambuco, do Brasil; na vida política, essencialmente política, deste País que nós vivemos.

Hoje tenho a responsabilidade de falar, tendo convocado esta sessão pelo Senado, sobre uma personalidade pública brasileira que conheci e que admirei sempre. Depois de tantas e tantas palavras ditas sobre ele, sou dos que não gostam da palavra que reproduz o que todos já disseram, por mais relevante que seja a capacidade de afirmá-la outra vez. Tenho certo defeito intelectual de procurar sempre não ser repetitivo, dar certa consequência a qualquer coisa que sou obrigado a fazer ou que faço por livre e espontânea vontade.

Sinceramente, não teria muito que falar além do que já foi dito sobre o Governador. Mas reproduziria apenas duas ou três opiniões sobre ele e que para mim são essenciais. A primeira diz respeito à sua consciência e vida democrática. Longe da verdade está a mais leve impressão de que Miguel Arraes era autoritário, coronel, politicamente atrasado. Nada mais falso, nada menos verdadeiro. Ele tinha imensa capacidade de saber ouvir e era extremamente econômico quando dava a sua opinião ou quando tinha que decidir. Não é que não gostasse de decidir ou de opinar. Mas é que

respeitava essencialmente a opinião dos outros. Respeitava e valorizava a opinião dos outros, de aliados e de adversários, com igual respeito. Essa capacidade sua de conviver com opiniões contrárias ele levava ao Governo e à vida pública em todos os momentos. Muito crítico, extremamente inteligente, com uma capacidade de ironia rara, ele sabia conviver com o contraditório, coisa rara neste País de políticos modernos.

Do seu compromisso popular e nacional, ao qual Renildo fez referência há poucos minutos, ele nunca abriu mão, nunca se afastou. Não era preciso que ninguém suscitasse questão para ele em relação a qualquer assunto, porque, para assuntos relevantes ao País, ao seu Estado, para tomar qualquer decisão, esses dois compromissos ele valorizava, priorizava e deles não se afastava, tantas vezes com razão e, às vezes, nem com tanta razão. Era firme nessa perspectiva que, de alguma maneira, poucos homens públicos no Brasil com a relevância dele sustentaram com tanta firmeza e convicção. Isso não é simples; é muito contundente.

Outro grande político assemelhou-se a ele nessa sua posição: Leonel Brizola. Ambos tiveram esta marca na vida pública brasileira: pelo povo e pelo País. Para Arraes era obsessiva; para Brizola, com quem não convivi tanto, não sei. Provavelmente, sim. Mas nele era seguramente algo que se afirmava em qualquer situação.

Uma terceira consideração diz respeito a sua atuação, pública e como governante. A versão do mito é uma versão muito forte. Pessoalmente, nunca gostei dela. E o Governador Arraes não foi a inspiração, a esperança de parcelas relevantes do povo do Brasil e do povo de Pernambuco, em especial, se não tivesse presidido como governador um movimento real, concreto para melhorar as condições de vida de parcela do povo, desde o seu primeiro governo e principalmente nele. Não é que tivesse, como de fato o fez, colaborado para a organização dos trabalhadores rurais, mas é que ele presidiu um processo que melhorou a renda de escravos, de homens sacrificados por gerações. Não chegou a palavra ou compromisso político; chegou a resposta concreta. Os aumentos do preço do açúcar sempre foram e continuam aí para os bolsos dos poderosos – dos produtores de açúcar. Com Arraes, eles iam para o bolso do trabalhador. E fizeram uma mudança na vida do trabalhador, real, concreta, no dia-a-dia.

No mais, uma pessoa insuperável, num País que se ressentia, de maneira dramática, de líderes que falem da realidade, que tenham o sentimento da realidade, que estejam colados no seu povo e na sua História. E ele foi sempre assim. Nada de palavras ao vento. Nada

de discursos fáceis. Nenhuma concessão à demagogia. Nenhuma manifestação à procura do brilho pelo brilho. Não era por aí. Era a demonstração de alguém que, com a sua vida, a sua palavra e a sua obra, serviu ao seu povo, ao seu País e disso não se afastou.

Quero dizer que ele faz muita falta a Pernambuco, ao Brasil e que seria indispensável neste momento da vida pública brasileira. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE) – Concedo a palavra ao ilustre Deputado Renato Casagrande, autor do requerimento na Câmara dos Deputados.

O SR. RENATO CASAGRANDE (PSB – ES. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Muito obrigado, Sr. Presidente, Deputado Inocêncio Oliveira. Cumprimento o Ministro Sérgio Rezende, do Ministério da Ciência e Tecnologia; o Ministro Ciro Gomes, do Ministério da Integração; o Presidente nacional do nosso Partido, Dr. Roberto Amaral; o Deputado Eduardo Campos, nosso amigo e neto do Dr. Miguel Arraes, Presidente nacional eleito do nosso Partido. Cumprimento José Almino e Augusto e, em nome deles, todos os familiares do Dr. Miguel Arraes que se encontram aqui presentes. Cumprimento todos os Parlamentares, Deputados e Senadores, principalmente da Bancada do Partido Socialista Brasileiro na Câmara dos Deputados, onde tivemos o orgulho e a honra de ter Dr. Miguel Arraes compondo-a e nos orientando nos trabalhos, no dia-a-dia, na Bancada e no Partido.

Estive em Pernambuco, nos últimos dias, fazendo uma visita, à época em que o Dr. Miguel Arraes estava adoentado e internado, e estive no sepultamento dele. No sepultamento, uma placa repetia e reproduzia uma expressão que ele usou quando retornou do exílio, de um poema de Carlos Drummond de Andrade, que dizia: “O homem marcado pelas duas mãos e o sentimento do mundo”.

Essa placa no cemitério de Santo Amaro, em Recife, manifesta e traduz, efetivamente, a vida, o sentimento e o que representou Miguel Arraes para a população brasileira e para o povo do Nordeste, especialmente de Pernambuco.

Miguel Arraes foi sepultado com honras de Chefe de Estado, com muitos aplausos, choro, tiro de canhão, toque de silêncio, e o cortejo foi acompanhado por aproximadamente seis mil pessoas.

Quem esteve lá viu a manifestação voluntária, sem ninguém levar gente para lá. A vida do Dr. Miguel Arraes levou a multidão às ruas do Recife, acompanhando permanentemente todo o cortejo, antes de iniciar o cortejo para o cemitério. O sentimento da população que ali se encontrava estava expresso no rosto de cada um e no presente que deixavam sobre o caixão do Dr.

Miguel Arraes, nas manifestações de carinho com a família, com o Deputado Eduardo Campos, com a dona Madalena. Então, pudemos ali acompanhar. Quem não viveu o período e não acompanhou de perto a vida do Dr. Miguel Arraes pôde acompanhar, naquele momento, o que representou a sua vida.

Em suas andanças pelo sertão de Pernambuco, especialmente nas campanhas políticas, Dr. Miguel Arraes ouviu declarações inacreditáveis da boca do povo. Houve quem achasse que somente o fato de tocá-lo fosse garantia de sorte. Não era raro que lhe pedissem para fazer chover. O raciocínio era simples: quem levou eletricidade ao agreste também seria capaz de dar um jeitinho na seca.

Arraes não tinha, naturalmente, poderes sobrenaturais, mas em sua região era tratado como um deus. Era comum que ele tivesse o terno rasgado como um ídolo *pop*.

Eleito três vezes Governador de Pernambuco, ele falava pouco, em voz baixa. É verdade que falava dessa forma quando queria, porque ao desejar ser entendido falava claramente. Então, era também um truque que o Dr. Miguel Arraes usava quando queria encerrar uma conversa. Intercalava as palavras com um renitente pigarro, o que contribuiu para criar um certo ar de mistério sobre a sua pessoa.

Alguns de seus projetos são lembrados até hoje. O “Acordo do Campo”, um consenso progressivo, como ele chamava, levou benefícios ao homem do campo, aos trabalhadores das fazendas de Pernambuco. Foi um marco histórico na luta pelo direito dos trabalhadores, além de diversas outras ações que o Dr. Miguel Arraes sempre desenvolveu.

Miguel Arraes de Alencar nasceu em 15 de dezembro de 1916, em Araripe, no Ceará. Concluiu o curso secundário em 1932, na cidade do Crato. Em seguida, mudou-se para Recife para dar continuidade aos estudos e seguir carreira profissional, prestando concurso público e tornando-se, em 1933, funcionário do Instituto de Açúcar e do Alcool (IAA). Estudou na Faculdade de Direito do Recife, formando-se em 1937, e continuando a carreira de servidor público. Foi Delegado Regional do IAA, nomeado por Barbosa Lima Sobrinho.

Arraes iniciou a sua carreira política em 1948, ocupando o cargo de Secretário Estadual da Fazenda, durante o Governo Barbosa Lima Sobrinho. Antes de ser Governador, Arraes foi Deputado Estadual, foi eleito Prefeito de Recife e, em 1962, elegeu-se a Governador. Não chegou ao fim do mandato. O seu apoio às Ligas Camponesas e à Reforma Agrária o transformou em um dos primeiros alvos do regime militar. Logo após o Golpe de 1964, Arraes recusou-se a renunciar e aca-

bou preso. Foi solto por **habeas corpus** e exilou-se na Argélia, em 1965, e só voltando em 1979.

Regressou ao País com a anistia e participou da fundação do PMDB. Em 1982, foi o Deputado Federal mais votado do Nordeste, com quase 200 mil votos. Em 1986, elegeu-se Governador, pela segunda vez, com o slogan “Arraes vai entrar pela porta que saiu.” Em 1990, ingressou no Partido Socialista Brasileiro e, de lá para cá, presidiu o nosso Partido, ajudando a consolidá-lo e a organizá-lo.

O Dr. Miguel Arraes foi um líder nacionalista popular, um dos últimos líderes com esse vínculo popular no nosso País. Foi uma pessoa preocupada com as questões regionais e com as desigualdades regionais. A última conversa sobre esse tema – eu o acompanhei – ele teve com o Ministro Ciro Gomes. Foi no momento em que nós estávamos buscando e discutindo com o Ministro Ciro Gomes a sua filiação ao PSB. O debate sobre a filiação foi de apenas cinco ou dez minutos, porque o que ele queria saber era a visão do Ministro Ciro Gomes sobre o desenvolvimento regional, sobre a questão do Nordeste. Debateu durante mais de uma hora sobre programas e políticas para o Nordeste.

Na sua idade, o Dr. Miguel Arraes tinha preocupação com o futuro. Então, temos que homenagear essa pessoa pela qual devemos sempre nos orientar.

Hoje, vamos passar um filme, elaborado pelo Partido, que retrata muito bem a vida do Dr. Miguel Arraes. No final desse filme, há a manifestação de um agricultor que diz que o Dr. Miguel Arraes não morreu, mas foi plantado no coração do povo brasileiro.

Então, neste momento de muita dificuldade, é bom lembrar o Dr. Miguel Arraes. Que ele possa continuar nos orientando, sabendo que está fazendo falta em um momento de tanta crise como o que estamos vivendo.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE)

– Concedo a palavra ao nobre Senador José Jorge, que falará como Líder do Bloco Parlamentar da Minoria no Senado Federal.

O SR. JOSÉ JORGE (PFL – PE. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente Deputado Inocêncio Oliveira, Srs. Ministros Ciro Gomes e Sérgio Rezende, Deputado Eduardo Campos, demais membros da Mesa, Sr^{as} e Srs. Congressistas, “Morre o homem. Fica o mito”. Essa foi a manchete do **Diário de Pernambuco** há exatos 30 dias.

Numa justa e oportuna iniciativa do Congresso Nacional, que convocou esta sessão conjunta destinada a homenagear o ex-Governador e Deputado Federal Miguel Arraes, estamos reunidos no plenário do Se-

nado Federal para rememorar os méritos do homem público e agora mito Miguel Arraes de Alencar.

Apesar de termos estado em lados opostos em alguns embates políticos em Pernambuco, não posso deixar de reconhecer a liderança de Arraes no meu Estado e sua ativa participação na política nacional desde os anos 50.

Foram 88 anos bem vividos. Durante os mais de 60 anos de vida pública, ele foi correto em sua maneira de fazer política. Podíamos discordar dele politicamente, mas ele sempre foi merecedor de nosso respeito e consideração.

Foi um adversário justo e ético.

O Governador Jarbas Vasconcelos, que esteve ao lado de Arraes nas lutas de redemocratização do País, declarou que “Arraes deixou sua marca política na história de Pernambuco e do Brasil. No exercício de funções públicas, protagonizou avanços significativos para o nosso Estado”.

Nascido na cidade de Araripe, no Ceará, Arraes foi recebido de braços abertos pela população de Pernambuco, tendo se transformado em pouco tempo em um líder popular e carismático.

Advogado e economista formado pela Faculdade de Direito do Recife em 1937, Arraes foi eleito duas vezes deputado estadual e teve três mandatos de deputado federal. Foi prefeito do Recife no período 1959 a 1962. Exerceu o Governo de Pernambuco por três mandatos, transformando-se no político que mais vezes governou meu Estado natal.

Retornou do exílio em 1979, quando retomou sua trajetória política, candidatando-se e sendo eleito deputado federal mais votado do Norte e Nordeste em 1982.

Miguel Arraes é a última voz a calar-se de uma geração de grandes líderes que atuaram na política brasileira nos últimos 50 anos, como Mário Covas, Leonel Brizola, Teotônio Vilela, Ulysses Guimarães e Tancredo Neves. Cada um à sua maneira e defendendo os posicionamentos políticos que abraçaram tinham por objetivo servir à Nação e ao povo brasileiro.

Arraes ombreou-se com pernambucanos ilustres como Joaquim Nabuco, Josué de Castro, Agamenon Magalhães, João Cleófas e Cid Sampaio, que muito engrandeceram ou engrandecem a política partidária do nosso Estado.

Mas o que a todos consterna é que, como um dos interlocutores preferenciais do Presidente Lula, Arraes teria importante participação nesta grave crise que enfrentamos, com seus conselhos e ponderações, para que o Presidente pudesse redirecionar o seu governo para os grandes objetivos almejados por toda a sociedade brasileira.

Ao concluir, gostaria de expressar os meus sinceros sentimentos, em especial à viúva, D. Madalena Arraes, ao seu neto Deputado Eduardo Campos, a todos os seus filhos e, evidentemente, também ao povo de Pernambuco.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocência Oliveira. PL – PE)

– Concedo a palavra ao ilustre Deputado Fernando Ferro, que falará pela Liderança do Partido dos Trabalhadores na Câmara dos Deputados.

O SR. FERNANDO FERRO (PT – PE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente Inocência Oliveira, Sr^{as} e Srs. Congressistas, Ministro Ciro Gomes, Deputado Eduardo Campos, Ministro Sérgio Rezende, Roberto Amaral, Liderança do PSB, familiares, Srs. Augusto e José Almino, em nome dos quais quero saudar todos os demais familiares aqui presentes, para nós, pernambucanos, nordestinos, gerações de políticos fomos todos marcados pela presença no nosso Estado da ação política do Governador Arraes.

Tomei conhecimento do Governador Arraes no início da década de 60, na primeira eleição para Governador. Eu era filho de pequenos agricultores que apoiavam, à época, o candidato João Cleófas. Havia sido disseminada no meio do povo do interior e nos agricultores uma violenta campanha anticomunista, muito reacionária, que colocava o Dr. Arraes como um perigoso agitador que iria fechar igrejas, tomar as terras de gente como nós, que não tínhamos terras, mas que éramos envenenados por aquela campanha.

O Governo dele iniciou-se e foi sendo revertida toda aquela visão reacionária da figura política do Dr. Arraes. Aprendemos a compreender a dimensão política dele, porque era um brasileiro que falava sobre cenário mundial da política, discorria com pleno conhecimento do cenário mundial com a mesma tranquilidade que falava para os matutos na feira, fazendo a ligação da cena política mundial com a realidade local. Tinha um pé no mundo e outro no sertão e no agreste. Mais do que ninguém sabia interpretar e decodificar essa distância desses mundos políticos.

Foi, sem sombra de dúvida, alguém com a compreensão do Brasil profundo, daquelas mais distintas realidades e daquele Brasil de que ele sempre falava. Os conceitos de povo e de nação eram muito fortes na pessoa e no discurso do Dr. Arraes e na sua prática política.

Ele era capaz de dialogar com os sindicalistas rurais e, ao mesmo tempo, propor pactos e alianças políticas que desafiavam as análises políticas imediatas ao incorporar setores politicamente antagônicos e até de classes distintas, para dialogar e discutir sobre

a realidade e a necessidade de negociar politicamente a fim de superar essa realidade do nosso País.

O Dr. Arraes compreendia o Brasil em 100% de sua população, porque há uma parcela no Brasil que governou este País com um projeto de nação para 10% ou 15% do País. É fácil, de certa maneira, governar para 10%, 15% do País.

Sua grande preocupação era trazer o conjunto do Brasil para esse debate, para a participação, para a integração cidadã de todo o País. Esse é o desafio da esquerda e a grande proposta que o Dr. Arraes colocou em sua história de vida. Esse é o desafio, e é o que nos diferencia. Isso é o que nos faz admirá-lo e compreendê-lo, inclusive eu, como militante do Partido dos Trabalhadores.

Na década de 80, naquele furor da criação do PT, às vezes estranhávamos a política de aliança. Lembro-me do processo ocorrido em 86, quando o Dr. Arraes era candidato a governador. Nós, do PT, em Pernambuco, aprovamos uma posição esquisita para a época. Não tivemos condições de lançar um candidato, e criamos um apoio crítico ao Dr. Arraes, dentro de um grande disputa interna no PT. Não lançamos candidato a governador porque não havia base social para isso, e reconhecíamos, em uma intensa luta dentro do PT. Mas ele nos ensinou, no processo, inclusive com incompreensões políticas de nossa parte, a incorporar a questão do debate e da aliança política como elemento para ganhar as eleições, para governar e para constituir hegemonia política para governar.

Registro, finalmente, sua capacidade de suportar os mais cruéis e difíceis momentos políticos. A perseguição em 64 e, mais recentemente, a infâmia jogada contra ele a fim de desqualificá-lo política e moralmente, nos momentos finais de sua vida política. Tentou-se desqualificar e desmoralizar um dos patrimônios da vida política de nosso Estado.

Para nós, pernambucanos, é motivo de orgulho o fato de termos adotado esse cearense e de transformá-lo em pernambucano. Sabemos que Miguel Arraes está no mesmo patamar de um Abreu e Lima, de um Frei Caneca, de um Rui Barbosa, que, com ele, constituem a plêiade de homens que nos orgulha e nos aponta para descobrir e governar o Brasil para todos os brasileiros, como ele fez em Pernambuco, levando aos mais humildes os programas criticados pela elite, mas que incorporavam socialmente pessoas que, como nós, têm o direito de ser brasileiros. Arraes sempre compreendeu isso com muita dimensão.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE)
– Concedo a palavra ao ilustre Líder do Governo na Câmara dos Deputados, Deputado Arlindo Chinaglia.

O SR. ARLINDO CHINAGLIA (PT – SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr^{as}. e Srs. Parlamentares, Srs. Ministros, na figura do presidente nacional do PSB, o companheiro Roberto Amaral, cumprimento a militância do PSB aqui presente, os familiares, amigos e companheiros de luta do Dr. Arraes.

Faço questão de registrar, em nome da Liderança do Governo na Câmara dos Deputados e seguramente em nome de todos os homens e mulheres que, aqui no Congresso, fazem desta trincheira um instrumento de luta por objetivos que o Dr. Arraes encarnou por uma longa vida de lutas.

Esta quadra da vida nacional, em que uma geração que teve no Governador Arraes seu último representante com tal envergadura política, leva-nos a reflexões que mostram a importância dos que lutam a vida toda. Poetas descreveram homens como esses como insubstituíveis, indispensáveis. É o caso do Dr. Arraes.

Nessa luta, eu colocaria a democracia em primeiro lugar, mas a democracia sempre vinculada às lutas pela justiça social, a luta pela democracia sem, em momento algum, abrir mão de princípios, mesmo quando a situação era extremamente difícil, como ocorreu com o Dr. Arraes a partir de 64 e pelo menos por mais quinze anos no exílio.

Há dois dias, conversando com Eduardo Campos, com Aldo Rebelo e com Luiz Eduardo Greenhalgh, comentávamos a respeito das “cartinhas” ou dos posicionamentos do Governador Arraes, do exterior, buscando interferir na reflexão aqui no Brasil. O Dr. Arraes encarnou, como poucos, como disse o Deputado Renildo Calheiros, Líder do PCdoB na Câmara dos Deputados, a idéia da defesa de um Estado nacional. Eu diria, pensando o Estado nacional não de maneira atrasada, mas como instrumento em defesa dos mais pobres, que poucos encarnaram, como o Dr. Arraes, a defesa, a imagem do nordestino pobre. E quando falamos do nordestino pobre, falamos de todos os pobres brasileiros.

Portanto, falar em homenagem ao Dr. Arraes é uma daquelas poucas circunstâncias em que falar bem de alguém engrandece quem fala, porque o Dr. Arraes não dependeria desta justa sessão de homenagem para ter seu lugar bem alto na história do Brasil. Cumprimento quem propôs a realização desta sessão, que engrandece o Congresso brasileiro, pois todos nós nos sentimos fazendo justiça, do ponto alto do termo.

Ao encerrar, cumprimentando novamente os familiares, amigos e companheiros do Dr. Miguel Arraes, e também quem propôs a realização desta sessão em homenagem a uma das maiores figuras da história

contemporânea do Brasil, que é o Dr. Miguel Arraes. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE)

– Para falar em nome do PPS, Partido Popular Socialista, concedo a palavra ao nobre Deputado Colbert Martins.

O SR. COLBERT MARTINS (PPS – BA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Parlamentares, Srs. Membros da Mesa, senhores que comparecem a esta sessão, Deputado Eduardo Campos, em nome de quem cumprimento a família e os amigos do Deputado Miguel Arraes, falo, neste momento, em nome da Presidência e da Liderança do nosso Partido, o PPS.

Desde a campanha pela realização de eleições, a chamada Diretas Já, passando pelo impedimento de Presidente Fernando Collor e, agora, com a pressão sobre o Congresso para que se apurem, sem restrições, as irregularidades cometidas por dirigentes partidários no financiamento de campanhas eleitorais e, sem atropelar a ordem constitucional, que se punam os responsáveis, uma coisa tem que ser destacada: a participação da cidadania que vem às ruas para dizer e, mais que dizer, impor sua vontade.

De fato, desde a República Velha, em especial, mas, mesmo depois da redemocratização, ao final da ditadura de Vargas, consolidada pela Constituição de 1946, nossa cidadã e nosso cidadão não costumavam exigir de forma tão categórica os direitos que lhes são garantidos por lei, um deles o de exercer o controle sobre a utilização de recursos públicos.

Para muitos, pelo menos para os pouco afeitos ao acompanhamento das questões políticas do nosso dia-a-dia, pode parecer que isso seria um fenômeno recente. Não o é. Porque foi exatamente Miguel Arraes de Alencar, um cearense de origem que se fez político pernambucano e depois nacional, quem, de forma pioneira, montou aquele discurso não populista, não enganador, mas, sim, que buscava conscientizar essa mesma cidadania, fazendo-a crer na existência de seus direitos e, mais do que isso, exigi-los.

Arraes veio, assim, para corrigir os desvios demagógicos até de Vargas – e o conseguiu –, na certeza de que a cidadania organizada saberia fazer prevalecer sua vontade. Estimulou a sindicalização rural como um passo verdadeiramente revolucionário para as relações de trabalho no campo. Aqui vale lembrar que a CLT original, da época Vargas, estatuiu, em seu art. 13, que as disposições daquele código laboral não abrangiam os trabalhadores do campo e, portanto, não lhes dava o direito de montar um sindicato. Um avanço e tanto do velho, na época, e atual Miguel Arraes!

Pranteia-se Arraes. Chora, como num choro de abandono, o povo humilde que o acompanhou desde sempre e o acompanha agora. Chorou quando deposto do Governo de Pernambuco pela revolução, chorou pelos longos anos de exílio, chorou de felicidade ao recebê-lo de volta com a lei da anistia. Desde então, esse mesmo povo jamais permitiu que Miguel Arraes ficasse sem representação popular, seja no Governo de seu Estado, seja no Parlamento.

Lembro, Deputado Eduardo Campos, do Deputado Miguel Arraes naquelas noites de vigília e de votações. Ele estava presente todo o tempo, em todas as votações, mesmo com dificuldades. Tem de ser, portanto, das mais pranteadas a morte de Miguel Arraes. Dói em cada um de nós não vê-lo a nosso lado nas lutas que ainda temos que travar para que a cidadania, por que tanto ele lutou, consiga, enfim, ser plenamente vitoriosa, plenamente senhora do seu destino.

Mas esse exemplo de desprendimento e grandeza é nosso estímulo. Por isso é compreensível o orgulho de que fui possuído ao ser escolhido pela Bancada do meu Partido, o Popular Socialista, para, desta tribuna, trazer nossa homenagem e, mais que isso, a confirmação de que seu exemplo será nossa bandeira de luta. Mais ainda, será pá e bússola para essa mesma luta popular.

Quero concluir, Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Congressistas, dizendo que a Miguel Arraes nenhum minuto de silêncio; o tempo inteiro a sua lembrança será muito presente, muito mais marcante e uma grande voz que temos que sempre ouvir.

Muito obrigado a todos. Bom dia! (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE)

– Concedo a palavra ao ilustre Senador Arthur Virgílio, que falará pela Liderança do PSDB.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Parlamentares, familiares do Governador Miguel Arraes, senhoras e senhores, eu dizia ao Senador Tasso Jereissati que nunca poderíamos encarar de maneira formal a homenagem a uma figura do porte, do calibre de Miguel Arraes. Ou seja, não se justificaria muito essa história de falar alguém pelo PSDB, mas quem sabe muitos, vários respondendo pelo anseio de todos de prestar essa homenagem tão justa, tão fraterna e tão sentida.

Tenho aqui um discurso muito bem feito pela minha assessoria. É claro que o li e dele retiro idéias e pontos de apoio, Senador Pedro Simon, mas não poderia ler, Ministro Ciro Gomes, um discurso ao Miguel Arraes. Afinal de contas, quando olho para a sua trajetória, lembro-me do tempo em que, estudantes, eu encontrava pontos muito vagos e concretos e conscientes

de consciência política com ele, mas era mais a idéia que animava a minha geração de que a solução do Brasil estaria em Miguel Arraes. Eu não sabia, àquela altura, bem por quê. Depois, com o tempo – fui colega dele na Câmara –, percebi, ao contrário, que eu tinha um fosso de divergências a me separar dele no campo econômico, na forma de se ver a gestão do Estado. Isso, em nenhum momento, diminuiu a admiração, o respeito, o sentimento de amizade pessoal muito profundo que me ligava ao Governador Arraes.

Sei do amor que ele tinha pelo povo de Pernambuco e do amor que o povo de Pernambuco tinha por ele. E mais: sei da sua inflexível capacidade de defender seus pontos de vista e, portanto, pouco importava, Ministro Roberto Amaral, se eu estava de acordo ou não com os pontos de vista dele. Isso tem pouca importância. Importante era eu saber que ele defendia seus pontos de vista com a fé que o fez o Líder popular brasileiro com aquela conotação pernambucana e nordestina tão forte que foi com muita altivez apeado do poder no palácio governamental pelo General que dava plantão na época em que se implantava o regime militar e endereçado para Fernando de Noronha.

Lá ele dividiu as agruras da prisão com outro Governador deposto, digno também, esse outro da UDN, mas que tinha pontos de encontro ideológicos muito fortes com Miguel Arraes, que era Seixas Dória, do Sergipe. E Seixas Dória relatava que, depois de simularem um fuzilamento dando tiros de pólvora seca talvez, diziam a Arraes que tinham executado Seixas; diziam a Seixas que tinham executado Arraes. E foi assim que tentaram, mas não conseguiram quebrar o ânimo, a coragem e a fé de um homem que nasceu para ter, até morrer, coragem e fé.

O Governador Arraes, ao longo da sua trajetória, permitiu-me respeitar profundamente outra pessoa que dele discordava quando se falava em economia e quando se fala de política em geral que era o Ministro Ribeiro da Costa, do Supremo Tribunal Federal. Menos de 1,60m de altura, Ribeiro da Costa, desafiando o General Arthur da Costa e Silva, concedeu **habeas corpus** para libertar Arraes de Fernando de Noronha, e Ribeiro da Costa disse que se o General Ministro do Exército, à época Ministro da Guerra, insistisse em não obedecer, não acatar a decisão judicial, que ele, Ribeiro da Costa, iria a Fernando de Noronha para fazer a ordem ser obedecida. E foi incrível.

O regime não era forte ainda, como ficou depois do AI-5, mas era forte. Podia cassar mandatos, prender e depor governadores e dispor sobre a liberdade das pessoas àquela altura. E um homem de menos de 1,60 m de altura desafiou e derrotou o poder e a pre-

potência do General Ministro da Guerra Costa e Silva, libertando Miguel Arraes.

Eu, portanto, estava ouvindo enxertos de discursos e todos falaram no sentimento de mundo de Arraes, daquela passagem antológica da sua posse, citando Carlos Drummond de Andrade. Mas eu diria que mais do que citar o poeta, o que poderia ter sido retórico, Arraes praticou o verso, o poema de Carlos Drummond de Andrade ao longo da sua vida, Ministro Eduardo Campos. Ele demonstrou, durante toda a sua passagem, que tinha de fato duas mãos muito úteis, corretas e limpas e todo o sentimento do mundo.

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE)

– Concedo a palavra ao ilustre Senador Aloizio Mercadante, Líder do Governo no Senado Federal.

O SR. ALOIZIO MERCADANTE (Bloco/PT – SP.

Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.)

– Sr. Presidente, companheiro Eduardo Campos, Ministro Ciro Gomes, Roberto Amaral e demais membros da Mesa, Senadores e Senadoras, Deputados e Deputadas e demais participantes desta homenagem mais do que justa, em um tempo tão difícil da política.

Homenagear Miguel Arraes é uma forma de prestigiar a política. Quando olhamos para a História deste País, vemos momentos em que as forças progressistas e populares eram agredidas com todos os instrumentos, com acusações, como aquele período anterior a 64. Houve, então, o esforço para a estabilização de um processo democrático em curso, com a resistência de algumas figuras que se levantaram, que ficaram com seus princípios, com seus valores e não se acomodaram nem se curvaram às pressões conservadoras que viriam, posteriormente, agredir de forma tão brutal o processo democrático do País com o Golpe de 1964. E dentre as figuras heróicas da resistência democrática, marcada pelo compromisso com os valores mais profundos, não apenas com a democracia, mas com a defesa de um projeto soberano de Nação e a defesa dos interesses populares, estava lá, como uma figura destacada da memória da resistência democrática deste País, Miguel Arraes. É um homem que vai para o exílio.

Lembro-me, quando cheguei à Câmara dos Deputados – eu tinha menos tempo de vida do que ele de política –, que ele era uma dessas figuras que achava que conversar era sempre uma forma de aprender.

Vou falar um pouco da sua experiência do exílio na Argélia, país em que ele é reconhecido e que o abraçou, que o acolheu. Quando estive aqui o Presidente da Argélia, vimos o carinho com que aquele povo e aquela sociedade tem pela presença dele. Ele continuou lá, também, como homem público. Via-se em Miguel Arraes uma paixão por este País, um amor

por esta Nação, um despojamento para defender os interesses do País e que já vinham na sua história de vida, reforçados no exílio, e que ele nunca abdicou.

As palavras soberania nacional e interesse nacional faziam parte de todas as atitudes daquele homem público. Da mesma forma, ele era, na sua expressão, no seu cotidiano, nos seus gestos, a cara do Nordeste, a cara do povo do Nordeste. O orgulho que ele tinha com Projetos como o Chapéu de Palha e o Vaca na Corda, quando ele contava o prazer que era entrar em um barraco, acender a luz e ver a luz chegar na casa do sertanejo que nunca teve acesso a um direito tão básico e elementar no século XX e que o seu Governo chegou e alcançou. Nós víamos que não só ele era um homem que vinha dali, do sertão nordestino, do agreste, daquela vida doída do povo, da seca, da resistência do nordestino, como também ele era um homem público vocacionado para tratar o tema do desenvolvimento do Nordeste como o tema prioritário da vida nacional. E eu nunca vi qualquer debate que dissesse respeito ao Nordeste em que Miguel Arraes não estivesse presente e sempre defendendo as formas mais avançadas e as políticas mais consistentes de desenvolvimento regional para a região.

Da mesma forma, a perseguição, o exílio, a ditadura, tudo isso fez com que ele tivesse um compromisso com os valores da democracia, que foram indispensáveis aos poucos que conseguiram atravessar um período tão longo de ditadura e manter a coerência com o seu projeto político.

Quero dizer que não era fácil negociar com Miguel Arraes. Ele era aquele negociador duro politicamente. Lembro-me, em 89, de quantas visitas fiz com o então candidato Luiz Inácio Lula da Silva para conversar com o Governador para ver se ele ia ou não apoiá-lo na campanha de 89, que era uma campanha muito difícil. A candidatura do Lula não tinha grande viabilidade política, pelo menos essa era a impressão geral dos institutos de pesquisas, dos órgãos de imprensa, e a elite fazia questão de apostar que não tinha nenhuma viabilidade.

A negociação foi muito dura. Quem acompanhou, sabe. O Roberto Amaral acompanhava àquela época; o Eduardo, acho que acompanhava só quando íamos à casa da família, porque ele estava participando do processo, mas não tão diretamente; Gaudêncio acompanhava aquelas negociações; Sérgio Guerra, naquela época, era do PSB de Pernambuco. Aquelas negociações eram muito duras, mas era um homem que, quando empenhava a palavra, aquilo tinha o valor de um compromisso que ia em todas as circunstâncias e em qualquer situação.

Fez isso em 89, fez isso ao longo das campanhas eleitorais, fez isso no Governo Lula. Foi um homem que sempre sustentou esse projeto, enfrentando as adversidades, acreditando. Inclusive no momento mais doloroso, que foi o enterro de Miguel Arraes, aqueles que estavam lá expressaram seu sentimento de reconhecimento a essa coerência, a sua palavra e as suas atitudes.

Por tudo isso, quero dizer que ele enche de orgulho esta Nação. É uma referência que fortalece tudo o que a esquerda representou na história deste País, as forças populares, que é a defesa do interesse nacional. E só tem uma palavra que consola o vazio que ele deixou, só tem uma única palavra que pode nos consolar, esse exemplo de coerência, dignidade, retidão, espírito público, de compromisso com o povo, com as raízes, com a alma do brasileiro, na defesa da soberania nacional: a palavra é o exemplo que fica. O que consola é o exemplo de Miguel Arrais, que, tenho certeza, inspirará não apenas o PSB, mas todas as forças progressistas e a juventude que aí vêm, para olhar para homens com essa estatura, com essa grandeza, e saber que vale a pena participar da política quando ela é feita com esses princípios, com esses valores, com esse sentimento de carinho e de amor por esta Nação e por este povo.

Portanto, é um imenso orgulho participar desta sessão e poder prestigiar uma homenagem que, tenho certeza, é de todos os homens de bem deste País. Mesmo aqueles que discordavam das idéias não têm como não reconhecer a força do exemplo, da coerência e a dignidade desse homem.

Parabéns, Miguel Arraes! (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio de Oliveira. PL – PE) – A Presidência informa aos nobres oradores que há mais de quarenta oradores inscritos querendo dar o seu testemunho sobre o Governador Miguel Arraes – alguns já deixaram até seus pronunciamentos para serem publicados, como os Senadores Cristovam Buarque e Flexa Ribeiro.

Se algum Parlamentar quiser fazê-lo, trata-se de um importante testemunho sobre uma das maiores personagens da História Política do nosso País.

Concedo a palavra ao nobre Deputado José Carlos Aleluia, que falará como Líder da Minoria. Em seguida, o Senador Mão Santa, o ilustre Senador Pedro Simon, o ilustre Senador Tasso Jereissati e o Deputado Simão Sessim.

O SR. JOSÉ CARLOS ALELUIA (PFL – BA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente Inocêncio Oliveira, Srs. Senadores, Srs. Deputados, minhas senhoras, meus senhores, Ministro Ciro Gomes, senhores filhos do meu querido amigo

Miguel Arraes, meu querido amigo Eduardo Campos, ex-Ministro da Ciência e Tecnologia, eu diria um amigo que Miguel Arraes me apresentou, me aproximou.

Eu não serei muito extenso, Sr. Presidente, até para atender a recomendação de V. Ex^a, mas eu nunca estive politicamente no mesmo campo de ação do Governador, do Deputado Miguel Arraes. Eu o conheci quando jovem, quando fui nomeado Presidente da Companhia Hidroelétrica do São Francisco, iniciado pelo Presidente José Sarney, pelo Ministro Aureliano Chaves. Eu não tinha filiação partidária, mas, nitidamente, tinha uma ligação muito próxima com o Dr. Aureliano Chaves e com o Ministro Oliveira Brito, a quem sucedi. Portanto, naturalmente, naquele momento em que o PMDB elegeu praticamente todos os Governadores do Nordeste, eu assumi junto com os Governadores, com o Governador Tasso Jereissati, com o Governador Waldir Pires, com o Governador Miguel Arraes.

Assumi a Presidência da Chesf num momento extremamente difícil para o Nordeste, pois nós estávamos vivendo um racionamento de energia elétrica, com grande impacto na economia. Os empresários, os trabalhadores, os governantes, todos estavam muito preocupados com isso. E eu pude conviver com o Governador Miguel Arraes. Estabelecemos uma forma de confiança tão grande que os meus companheiros da Chesf, a maioria eleitores de Miguel Arraes, ficavam com ciúme, tinham bastante ciúme dessa relação de confiança que existia entre mim e o Governador Miguel Arraes; eu diria entre nós da diretoria da Chesf e o Governador Miguel Arraes.

Fizemos várias parcerias de colaboração, porque tínhamos um problema muito grande a resolver, que era a remoção de mais de 40 mil pessoas do lago de Itaparica; pessoas que pertenciam ao Estado da Bahia e ao Estado de Pernambuco. Portanto, tinha que constantemente negociar com o Governador como aquelas pessoas iriam retomar a vida; que projetos seriam feitos para voltar a produção agrícola. Como ele era entusiasmado com a piscicultura – ele foi talvez dos políticos o que mais vi interessado, preocupado, entusiasmado com a possibilidade de produzir proteína –, que é ilimitada no Nordeste a partir do peixe, com a agricultura irrigada.

Cooperamos na área de construção de estradas, na construção de cidades. Recordo-me, por exemplo, de que fui criticado uma certa vez pelos técnicos do Ministério da Fazenda em Brasília, porque tinha colocado rede de esgoto em todas as cidades que construímos. E o Governador sempre me apoiou nisso, porque ele também se preocupava com a qualidade do rio, que servia e serve tão bem ao Nordeste.

Mas quero citar um incidente que tivemos eu e o Governador Miguel Arraes que, talvez, mais tenha me marcado. Quando começamos a ter que encher a barragem de Itaparica, mandávamos formalmente comunicar aos Governadores que estávamos fechando adufas. Evidentemente os Governadores não tinham obrigação de saber o que era adufa, mas alguns dos seus técnicos teriam obrigação de saber. Adufas eram pequenas comportas que eram concretadas, o que era irreversível no processo de enchimento da barragem. E, por fim, faltavam as duas últimas, que levariam ao enchimento controlado da barragem.

Fui conversar com o Governador, eu e o diretor de engenharia, Luís Guerra, um pernambucano de grande qualidade. O Governador passou mais de 45 minutos ouvindo, sem fazer uma pergunta, sem interromper um só segundo. Quando eu concluí a minha exposição, eu perguntei a ele se ele poderia ouvir um pouco mais o diretor Luís Guerra. Ele praticamente disse uma sílaba só e concordou em nos dar mais 30 minutos, para ouvir o diretor de engenharia da Companhia Hidrelétrica do São Francisco.

Quando nós dois acabamos de relatar o assunto ao Governador, verdadeiro estadista, ele perguntou: E as vidas? Foi a única pergunta que ele fez: E as vidas? E eu tive de dizer: Governador, nós estamos com um batalhão de pessoas, do seu Governo, do Governo da Bahia, da nossa empresa, de outras instituições, com um esquema de defesa civil muito forte, para evitar que haja perda de vidas.

Ele disse: O senhor, pelo que expôs, pode-se perceber claramente, entende mais do que os meus técnicos. Assuma a responsabilidade e resolva o problema de energia do Nordeste.

Não era muito comum alguém, naquele momento, quando muita gente reclamava, em que havia movimentações populares no lago, só cobrar a vida e como os trabalhadores retomariam a sua vida normal produtiva.

Portanto, na Câmara não vou falar do quanto aprendi com ele, quando ia à sede do PSB para ouvi-lo, mesmo sendo Deputado do PFL.

Miguel Arraes, muito obrigado! Você me ensinou muito a ser patriota!

Muito obrigado! (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE) – Concedo a palavra ao ilustre Senador Mão Santa.

O SR. MÃO SANTA (PMDB – PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Parlamentares, peço permissão para saudar todos os que estão na tribuna de honra e também os familiares, na pessoa do Líder Eduardo

Campos, porque são tantos que podia esquecer alguns, e, mesmo involuntariamente, isso seria imperdoável!

Serei breve! Assim como já foi anunciado o Pedro Simon, estou como São João, que anunciou Cristo. É o Pedro Simon, o extraordinário orador! Mas estou aqui.

Agora é que vai começar a história de Miguel Arraes. É aquilo que Getúlio disse: saiu da vida para entrar na história. É agora! Foi Abraham Lincoln, foi depois, Rui Barbosa.... Mas Miguel Arraes é agora! Cada um vai contar seus detalhes. E gostaria de contar uma história que me pode acabar levando para esse rolo que está aí de Comissão de Ética, mas tenho certeza de que o Pedro Simon vai-me defender!

É o seguinte:

A ciência médica que abracei, acho a mais humana das ciências é o médico um grande benfeitor da humanidade. De repente, eu entrei na política, troquei o bisturi, que usava no tempo de uma sala de cirurgia e que salvava um ou outro, por uma caneta para tentar melhorar o nosso Nordeste.

Quero dizer o seguinte: aqui sempre digo que fui “Prefeitinho” porque Prefeito é importante na minha cidade. Serei breve, mas quero confessar aqui, Pedro Simon – se me levarem para a Comissão de Ética, você vai me defender. Já confessei, V. Exa. é franciscano e eu acho que já estou perdoado. Ciro saiu de Fortaleza para rezar em nosso Canindé.

Quero confessar um roubo que fiz em minha vida política. Prefeito da minha cidade, de repente, uma familiar muito importante do Cônsul de Portugal no Piauí, fez bodas de ouro, eu estava lá. Ele era provedor da Santa Casa de Misericórdia onde eu operava. Pouco depois, ele morre no Palácio. Aí, convenci a viúva a alugá-lo para a Prefeitura para fazer o Palácio da Cultura. E fiz.

Lembro-me de Albano Franco, que era da Federação das Indústrias. Eu antecedi para coincidir, porque ele ia ganhar um título no meu Município, que ele desenvolveu. Meu irmão era o Presidente no Piauí. Ciro, Sobral, vizinho ali.

Antecipei para segunda-feira e fui arrumar o Palácio. Tinha museu, o conselho municipal – aquelas coisas de prefeito – e a biblioteca. Peguei a minha mulher, ela que sempre me acompanha, e é mulher que sabe arrumar essas coisas. Era um domingo. E, enquanto Adalgisa arrumava, eu fui ver os livros. Aí, na estante, encontrei um irmão deste livro aqui. Uma hora da tarde, aí olhei: **A Mistificação das Massas pela Propaganda Política**, Serge Tchakhotine; tradução: Miguel Arraes. Miguel Arraes que, para nós, era esse Padre Cícero; ele nasceu lá perto, acho que era até irmão. Então ele era essa figura. Aí eu, prefeito,

peguei, tirei da estante e comecei a ler. Tradução de Miguel Arraes: Isso aqui deve ter muita coisa aqui; ele vai-me ensinar muito pulo de gato aqui. Aí comecei a gostar e lá, para as quatro horas da tarde, Adalgisa se cansou: “E vamos almoçar”, e eu gostando, e não teve conversa, prefeito. Aí o livro, pensei logo: “Estudante não faz esse negócio... Só o nome: Serge Tchakhotine...” Aí levei para minha casa. Mas tenho o hábito – médico estudando anatomia, cirurgia – de riscar o livro, apontar, comentar. Quatro anos de prefeitura, aí o livro estava todo bagunçado. Eu viajava – prefeito viaja –, vim a Brasília, Pedro Simon, e pensei em comprar um livro novo para dar à biblioteca, porque aquele estava todo rasurado, rabiscado, cheio de anotações, rasgado, depois de quatro anos de prefeitura. Todas as vezes que eu viajava, procurava nas livrarias dos aeroportos e me diziam: – Não tem; não tem.

Terminado o meu mandato de prefeito, deixei a prefeitura. Aí vieram as eleições, daquelas que se sabe que estão perdidas porque outro já ganhou. Aí foram me buscar, o adversário mesmo. Alberto Silva era meu adversário: cidade, município. A mãe disse que ele estava perdido, ele queria ser deputado federal e tinha que ter um candidato. Aí foram me buscar. Havia 142 prefeitos contra 3. Havia 10 jornais e eu tinha 1 só: eram 9 contra 1. Havia 57 emissoras no Piauí; eu tinha umas 3. Cinco televisões; zero comigo. Mas eu tinha aprendido com o livro. Quatro anos de prefeitura, embora ele tivesse sido desviado, com mais dois em meu consultório, é um curso de Medicina. Tanto isso é verdade que só um quadro, e há um triângulo aqui... Ele faz quatro andares nesse triângulo, apenas simbolizando – vai ser muita gente eleita aqui. Ele diz: – Quatro degraus. Símbolo? Os pobres botaram o nome de Mão Santa. Sei que não são santas, mas humanas.

(Interrupção do som.)

O SR. MÃO SANTA (PMDB – PI) – O outro *slogan* que havia era “Parnaíba em boas mãos”. Para o Piauí estar em boas mãos, eu já tinha a metade.

Programa. Eu era muito amigo de um Governador que morreu aqui: Dirceu Arcoverde. Por isso eu discursado deste lado. Nunca quis ser Deputado estadual. Eu gostava mesmo era de Parnaíba, de Fortaleza e do Rio de Janeiro. Era o meu rumo, mas, para ajudar o Dirceu, aceitei ser candidato, contra o Alberto Silva. No primeiro discurso, Dirceu tombou aqui, um dos homens mais honrados e dignos do meu Piauí. E o Piauí está aqui. Sei que Miguel Arraes nasceu no Ceará, que Pernambuco deu a ele poder político, e o Piauí lhe deu a liberdade. Ele estava preso. Quem o libertou foi Evandro Lins e Silva, Ministro do STF, que deve ser exemplo contra a ditadura, contra os canhões. Foi Evandro Lins

e Silva quem deu a Miguel Arraes a liberdade. Então, a liberdade, Arraes deve ao Piauí. Adotei o programa do Dirceu, que era meu amigo e tinha como nome a promoção do homem.

Doutrina. Esse negócio de esquerda e de direita acho palhaçada. Esse negócio de guarda de trânsito, tenho as minhas... Leio um, leio o outro, o da direita e tal, o Hitler, Mussolini, o Karl Marx, depois Lincoln, Bill Clinton, que está com um livro e aí doutrina-se.

Meu nome é Francisco, é um nome cristão. Minha mãe é Terceira Franciscana. Eu digo, vou usar aqui a doutrina cristã. E usando, ganhei as eleições.

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE) – Nobre Senador Mão Santa, o discurso de V. Ex^a embevece a todos nós, mas estamos premidos pelo tempo.

O SR. MÃO SANTA (PMDB – PI) – Sim, já vou terminar. Mas, para encerrar, quero apenas dizer que governando com ele, contei essa história ao Miguel Arraes. E ele disse: – Você tem esse livro? – Eu tenho. E ele me pediu o original que lhe dei. Ele estava com o livro roubado, hoje com a família. Isso é o que eu queria confessar. (*Risos.*)

Presidente Inocêncio, para terminar, serei breve. E para descrever Miguel Arraes – Inocêncio não é pernambucano não –, ali está Rui Barbosa, que não chegou a ser Presidente, e ele também não; Rui Barbosa perdeu as eleições e ele também perdeu, mas ele não perdeu a vergonha e a dignidade. E eu ia buscar Cristo, que está ali.

Sr. Presidente Inocêncio, para encerrar e V. Ex^a ficar satisfeito, V. Ex^a tem que dar mais tempo, porque só Jesus sabe terminar as coisas em um minuto – Ele fez o Pai Nosso em um minuto. Então, “Amai ao próximo como a si mesmo”. E quem é o próximo? Aí Ele fala a parábola do samaritano. Um homem é assaltado, passa o sacerdote – o levítico – e não o acode; o bom samaritano o acolheu e recuperou. E Arraes foi o Bom Samaritano do Nordeste do Brasil. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE) – Concedo a palavra ao ilustre Senador Pedro Simon.

O SR. PEDRO SIMON (PMDB – RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, prezados familiares, de modo especial o nosso Líder Eduardo Campos, Sr^{as} e Srs. Senadores e Deputados, agradeço a V. Ex^a, ilustre Presidente, a gentileza de ter atendido o meu apelo e ter me inscrito para falar. Eu não teria como explicar minha ausência da tribuna. Mais dia, menos dia, estarei chegando ao outro lado, e o Miguel Arraes haveria de cobrar de mim: – Mas você não apareceu lá, Pedro. O que aconteceu contigo? E eu não teria resposta. Por isso, estou aqui.

Em nome do PMDB, já falaram, e de outros Partidos também, mas falo em nome daqueles que, desde o princípio, conviveram com Miguel Arraes, desde o primeiro momento, desde que o Brasil começou a sentir uma voz que soava diferente no Nordeste. Nós tínhamos muitas vozes no Nordeste: poetas, escritores importantes, homens como Josué de Castro, como Celso Furtado, mas nós não tínhamos um pensamento de alguém que simbolizasse efetivamente o homem do Nordeste, o nordestino na sua integridade, alguém que veio, alguém que iniciou, alguém que começou na convivência daquele rude homem do Nordeste e que subiu, que cresceu, que adquiriu cultura estadual, nacional, internacional, que adquiriu prestígio e credibilidade, que ocupou os cargos mais ilustres e mais importantes. Mas eu duvido, na história deste País, que seja possível encontrar alguém que sublimou, subiu, cresceu, avançou, mas que conservou a fidelidade à sua origem como Miguel Arraes, até na maneira de ser, até na maneira de se vestir, até na maneira tosca de falar, até na maneira singela de expor, até na maneira firme de não transigir.

O Miguel Arraes que saiu do Ceará e o Miguel Arraes que andou pelo mundo foi o mesmo. É difícil. O homem conserva fidelidade aos seus princípios, idéias e doutrinas, o que já é difícil. Mas conservar uma identificação total e absoluta eu vi somente Miguel Arraes.

O Senador Mercadante falou dali sobre quando ele falava em soberania, direitos do povo oprimido e aqueles que não têm voz e chance. Começou dizendo isso e morreu com o mesmo discurso. Esse era o Miguel Arraes, um homem que veio e tinha condições de ir muito adiante do que foi.

Nós vemos, olhando para os lados, que há pessoas que se projetam um pouco e criam um partido. Projetam-se um pouco mais e vão para aqui e ali e saem candidatos a Presidente. E às vezes ganham. O Collor saiu do nada, do zero e terminou Presidente da República. E nem por isso significou muito. O Arraes, não. O Arraes tinha escola, tinha discípulos, tinha pensamento, tinha idéia, tinha o Nordeste, tinha seguidores, e, no entanto, não fez questão de levantar a bandeira: “Sou eu, Arraes. Quem quiser vir atrás de mim, que venha”. Ele, Arraes, sem bandeira, foi. Foi no seguimento da luta, numa hora difícil que ele encontrou pela frente, em que quis ser mais um. É claro que ele não foi mais um. É claro que, pelo fato de ele estar lá, milhões foram atrás dele. Mas ele não saiu, ele não destoou, ele não buscou uma caminhada, ele não criou um novo rebanho para que fosse o chefe e as pessoas o acompanhassem. A chefia era natural, era espontânea. E conviveu com pessoas as mais diferentes. Não

é fácil o Arraes conviver com o Dr. Ulysses, com o Dr. Tancredo, com o Teotônio, com o Brizola, com o Covas. Mas ele conviveu. Conviveu com a idéia, conviveu com princípio, conviveu com a bandeira. Fico a pensar que País extremo é o nosso Brasil! Se trouxermos historiadores de fora, e fizermos as biografias e passarmos uma série de filmes de grandes nomes da liderança brasileira e dissermos que “desses, tantos foram presidente e tantos não foram” e perguntarmos quais foram presidente, eu duvido que alguém diria que o Collor foi e o Arraes não foi. Eu duvido que alguém diria que o Fernando Henrique foi e que o Arraes não foi. Eu duvido que alguém diria que os cinco generais foram e o Arraes não foi. Mas a vida é assim. O Arraes não foi; o Tancredo não foi; o Ulysses não foi; o Brizola não foi; o Teotônio não foi; o Covas não foi. No entanto, se vocês me perguntarem, eu direi: não considero, na história biográfica dos grandes vultos nacionais, ninguém que possa ser colocado na frente do Arraes, porque o Arraes foi completo. Idéias, ninguém as teve tão claras e tão precisas quanto o Arraes. O Arraes defendeu o homem integral. O Arraes, Governador, quando iniciou – e achavam que era comunista, inimigo dos homens, dos proprietários rurais, dos homens proprietários da terra e os proprietários da cana-de-açúcar –, fez um acordo, um entendimento, o primeiro, quando a mão-de-obra da produção de cana-de-açúcar foi considerada gente, pessoas humanas. Pela primeira vez na história, assinaram e passaram a ter poder e a ser gente. Esse foi o Arraes, que defendeu as causas mais dignas e corretas do nordestino e do povo humilde, o Arraes que avançou e os defendeu nas horas mais difíceis. E como havia ali a disputa entre Arraes, Jango e companhia, quiseram até, achando que podiam contar com Arraes, é claro que ele, no exílio e aqui, desempenhou o seu papel, o papel do grande herói, o papel do grande brasileiro, que construiu o grande nome nesta Pátria.

Dez filhos ele criou com sua querida Madalena, com dignidade, com honra, com decência. Uma família exemplo daquilo que um homem político pode fazer, quando nem sempre conseguimos. Muitas vezes, o político se dedica, avança, mas se esquece do primordial: sua mulher, seus filhos, seus netos. Arraes foi o tronco firme que, para cuidar do País, começou no âmago de sua família.

Falo em nome de teus amigos, Arraes, em nome de teus irmãos, em nome dos que bebiam e conversavam contigo, em nome dos que ficavam até de madrugada sonhando o Brasil que desejávamos, em nome daqueles, meu irmão Arraes, com quem tu externavas teu sentimento. E tu acreditavas que o Brasil seria o grande Brasil, porque nasceu para ser um grande País.

Tu fostes, Arraes, mas teu exemplo ficou. A tua bandeira ficou, a tua história ficou, a tua biografia ficou, e servirão de exemplo, assim como a estátua de Padre Cícero. A tua biografia, a tua história, não apenas para o Nordeste, mas para o Brasil, ficam como exemplo a ser levado.

Que coincidência, hoje, um dia amargo para este Congresso, um dia em que a figura de seu Presidente se vê envolvida em um fato ainda mais grave, um dia em que o Plenário da Câmara se reunirá para discutir um fato ainda mais grave, pois no meio disso, como que para nos mostrar que isso passa e o nosso Brasil continua, estamos aqui, no meio do charco, homenageando o que tem de melhor, o grande líder, o extraordinário Miguel Arraes, o homem do passado, o homem do presente, o orientador do futuro.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE) – Concedo a palavra ao ilustre Senador Tasso Jereissati.

O SR. TASSO JEREISSATI (PSDB – CE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, senhores familiares, atendendo a inúmeros conselhos de que não se deve falar depois desse discurso do Pedro Simon, venho aqui apenas, em nome de todos os nordestinos, prestar a nossa homenagem ao grande e inesquecível Miguel Arraes. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE) – Para falar em nome do PP na Câmara dos Deputados, concedo a palavra ao ilustre Deputado Simão Sessim.

O SR. SIMÃO SESSIM (PP – RJ. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, eu gostaria de fazer o mesmo que fez o Senador Tasso Jereissati, mas cumpro a obrigação do meu Partido nesta solenidade e, ao tempo em que cumprimento V. Ex^a, aproveito, por economia de tempo, para cumprimentar toda a Mesa, as Sr^{as} e os Srs. Deputados, as Sr^{as} e os Srs. Senadores.

Confesso que me sinto homem privilegiado hoje, neste exato momento em que o meu Partido, o Partido Progressista, incumbe-me, diante do Congresso Nacional, da responsabilidade de prestar essa justa homenagem ao nosso querido e eterno Governador Miguel Arraes, homem de grande idealismo, combativo, símbolo que foi na política nacional durante mais de cinco décadas, do sertanejo nordestino, exemplo de dignidade, de resistência e de luta pelos ideais democráticos, amigo pessoal, com quem também tive a honra de conviver neste Parlamento, dedicando-lhe respeito e admiração.

Miguel Arraes, com certeza, não morreu para a consciência política desta Nação. Eu diria que ele está

mais presente do que nunca no coração e na lembrança de todos nós, do povo brasileiro, porque era, sem sombra de dúvida, a última liderança viva, símbolo do exemplo de perseverança e luta por um ideal.

Miguel Arraes manteve-se fiel até o final de suas convicções de que era preciso lutar sempre contra as desigualdades.

Lembro-me de Miguel Arraes deixando claro que a estabilidade econômica por ele desejada deveria ser aquela que permitisse reformular de modo construtivo os rumos do País, abrindo caminho para a consolidação de uma nação onde os brasileiros não fossem tratados como estrangeiros, separados pelo fosso da vergonha entre os que comem três vezes e os que nada comem.

Miguel Arraes era um estadista que dizia não se preocupar com rótulos, fossem eles de radical ou de conciliador, porque nada disso tinha sentido. Para ele importavam, sim, os posicionamentos que todos nós devemos tomar ao lado de determinadas camadas sociais em defesa de teses que interessam à Nação como um todo.

Por isso mesmo, vejo esta solenidade como um motivo a mais para uma longa reflexão sobre o nosso papel como homem público junto à sociedade brasileira. Arraes deixou exemplo de luta pelos mais pobres, pelos mais indefesos, pelos excluídos. Ele se preocupava, acima de tudo, com o futuro deste País.

Miguel Arraes, homem público, que se tornou um mito para a grande maioria dos nordestinos, entendia que a humanidade precisava encontrar um sistema que buscasse soluções satisfatórias para todos os cidadãos e que pregasse também a pacificação das relações humanas. Por isso mesmo, dizia ter apenas duas mãos, mas todo o sentimento do mundo, numa citação ao também saudoso poeta Carlos Drummond de Andrade.

A minha saudação, portanto, de carinho à sua esposa, a seus filhos, o economista José Almino e Miguel Arraes Filho, e ao seu neto, meu particular amigo, que foi testemunha do carinho recíproco que tínhamos um pelo outro, nosso companheiro, também Deputado Federal, Eduardo Campos, que até recentemente colaborou com o Governo do Presidente Lula exercendo o honroso cargo de Ministro da Ciência e Tecnologia e agora, certamente, o herdeiro político do avô ilustre.

Certamente, a ausência física do ex-Governador Miguel Arraes fecha uma página importante de grande riqueza humana, política e moral da história de Pernambuco e do Brasil.

Muito obrigado, Sr. Presidente. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE) – Para falar em nome do PDT, pela Câmara dos

Deputados, concedo a palavra ao ilustre Deputado Luiz Piauhyllino.

O SR. LUIZ PIAUHYLLINO (PDT – PE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Deputado Inocêncio Oliveira, meu caro amigo e ex-Ministro Deputado Eduardo Campos, grande Ministro Ciro Gomes, nordestino, Ministro Sérgio Rezende, meu caro amigo e ex-Ministro Roberto Amaral, meus amigos José Almino e Augusto Arraes, em cujos nomes homenageio a família do ex-Governador e Deputado Miguel Arraes.

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer a indicação que o Líder do meu Partido, Deputado Severiano Alves, fez para que aqui eu viesse ocupar esta tribuna para participar e homenagear o ex-Governador Miguel Arraes.

Por coincidência da vida, meu caro Deputado Eduardo Campos, esta tribuna, que já ocupei como Senador, ocupei graças ao apoio do ex-Governador Miguel Arraes. Por indicação do ex-Ministro Fernando Lira, fui convocado para integrar a chapa de Dr. Arraes para Governador em 1986, em uma das eleições mais memoráveis que a política de Pernambuco conheceu e talvez não veja outra em que a população se entendeu e trouxe Arraes de volta ao Campo das Princesas.

Fui indicado para ser suplente de Senador da chapa do Dr. Miguel Arraes, sendo suplente do Senador Mansueto de Lavor, que, infelizmente, também já faleceu, e por essa indicação, aqui estive como Senador da República. Mas quero dizer que, ao falar em Miguel Arraes, me lembro de coisas muito marcantes.

Primeiro, expressei meu agradecimento, porque comecei a vida política com ele, tive lições, inclusive nas adversidades, quando nos afastamos um período, o que foi feito dentro do estilo do Dr. Miguel Arraes, com elegância e sempre com o espírito público e grandeza para tratar aliados e tratar também pessoas que não estavam na mesma agremiação política dele.

Apreendi lições memoráveis, mas uma coisa me marcou muito na convivência com o Dr. Arraes. Se você pedir para eu dizer algumas qualidades do Dr. Miguel Arraes, direi: um extremo apego à defesa das causas populares e um respeito enorme ao mandato popular. Para isso, ele emprestava o que tinha de melhor: a seriedade, a ética e a cultura, pois era um homem extremamente preparado e tinha uma visão de mundo fantástica.

Ouvi atentamente o Senador Pedro Simon. Quando eu acompanhava o Dr. Miguel Arraes naquela luta de 1989 a fim de encontrar uma saída para uma candidatura, estive na casa do Senador Pedro Simon, junto com Eduardo Campos. Lá estavam seus filhos, sua família, suas irmãs, e havia diálogo franco e ver-

dadeiro. Ali aprendi muito, meu caro Senador. Saindo de lá, do Rio Grande do Sul, voltamos para Recife juntos, no mesmo avião, e cada palavra do Dr. Arraes era uma lição.

V. Ex^a disse que o Dr. Arraes não mandava em ninguém. Realmente, essa era uma qualidade dele. Recordo-me quando ele tomou a decisão de sair do PMDB. Fui com ele à sede do PMDB, que era aqui, na Câmara dos Deputados, onde ele entregou a carta de desfiliação do PMDB, com a maior discrição e honradez, a fim de que aquilo não prejudicasse uma agremiação onde ele serviu em defesa, na época, do PMDB. E depois nós o perguntávamos, na província, qual seria o destino. Ele disse: “Piauhylino, não sei. Eu sei o meu, eu vou para o PSB”. E ali estava dito tudo. Era um caminho que ele escolhia para agrupar as forças populares de Pernambuco e do Brasil, sempre em busca da defesa do povo.

V. Ex^a falou sobre a defesa que Arraes fazia, em Pernambuco, na área canavieira. Posso dizer porque sou neto de plantadora de cana. Eu tinha quatorze anos de idade, quando o Dr. Arraes celebrou o Acordo do Campo. Posso dizer com toda a tranqüilidade, hoje, pois sou advogado, na vida privada, e político. Como advogado, antes de me tornar político, quando o Dr. Arraes me convocou para a sua chapa junto com Fernando Lyra, eu tinha vinte anos como advogado e militava exatamente na área canavieira, meu caro Senador. Aquele Acordo do Campo marcou. E tive a oportunidade, juntamente com o Deputado Eduardo Campos, na época Deputado Estadual, com Romeu da Fonte, também Deputado Estadual e hoje Conselheiro do Tribunal de Contas de Pernambuco, de costurar um novo Acordo do Campo em Pernambuco. Por ocasião da minha convocação para integrar a chapa, ele dizia que queria que a sociedade civil estivesse presente e que houvesse um amplo entendimento, pois aquela categoria era tida como conservadora, diferente, distante. O Dr. Arraes conseguiu isso novamente, e hoje respiramos um outro entendimento com as lideranças canavieiras e as lideranças políticas.

Com a tolerância de V. Ex^a, meu caro Deputado Inocêncio Oliveira, não poderia deixar de me referir a um marco que impregnou minha vida política. Ou seja, o Dr. Arraes, na luta pelas causas populares, também se dedicou ao movimento de cultura popular. Foi marcante, no primeiro Governo do Dr. Arraes, interrompido pelo golpe militar, o programa de cultura popular que desenvolveu com Anita Paes Barreto, Paulo Freire e tantos outros. Esse programa criou uma marca fortíssima. Hoje, a cultura popular de Pernambuco é riquíssima. Meu amigo José Almino, aqui presente, pode testemunhar que essa era a marca do Governo do Dr.

Arraes naquela época. Até hoje, a cultura popular pernambucana se consolida cada vez mais e, com isso, se irradia por todo o Brasil.

Sou fundador da Frente Parlamentar de Apoio à Cultura Popular Brasileira na Câmara dos Deputados. Devo isso à influência e ao carinho com que o Dr. Arraes via no movimento de cultura popular para passar sua mensagem.

Deputado Inocêncio Oliveira, quero falar ainda sobre pessoas da sua região, o sertão do Pajeú: os repentistas e os cantadores. Recordo-me de um dia em que vi o Dr. Arraes preocupado com as dificuldades de seu Governo, em seu segundo mandato. À noite fomos à casa de um jornalista a fim de conversar um pouco. Lá estavam dois cantadores repentistas. Nesse dia, o Dr. Arraes dirigiu-se aos repentistas utilizando o mote que eles criavam. Ele dizia que a cultura popular conseguia, através da viola, dizer o que muitas vezes políticos da maior categoria e da maior inteligência não conseguiam transmitir ao povo. Quem estiver ao lado de quem defende a cultura estará sempre ao lado do povo brasileiro, pernambucano e cearense, a quem o Dr. Arraes dedicou o maior carinho.

Mais uma vez, agradeço ao PDT por ter me concedido a oportunidade de homenagear aqui o Dr. Arraes, e de dizer, de coração, ao encerrar meu discurso: Muito obrigado, ex-Governador Miguel Arraes. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE)

– Para falar em nome do PSB no Senado Federal, concedo a palavra ao ilustre Senador João Capiberibe.

O SR. JOÃO CAPIBERIBE (Bloco/PSB – AP.

Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.)

– Sr. Presidente, Srs. Congressistas, meu caro Ministro, Ministros, meu companheiro e Presidente do meu Partido, Deputado Eduardo Campos e meu caríssimo companheiro Roberto Amaral.

Arraes, guerreiro do povo brasileiro – é assim que saudamos o nosso Presidente. Um guerreiro inconformado com um país tão injusto, com o sofrimento e a pobreza. Arraes tinha consciência das riquezas do País, uma dádiva divina, e de um povo tão pobre.

E presto um testemunho: vivi uma das mais belas experiências de militância política de minha vida – e minha vida é farta em experiências políticas, em vários cantos do mundo –, mas a experiência de vida em Pernambuco, por opção, por escolha, por admiração, por respeito, devo ao ídolo da minha geração, da geração de esquerda que representou Miguel Arraes. Eu e minha companheira, Janete Capiberibe, hoje Deputada Federal, aqui presente, estávamos em Maputo, Moçambique, quatro anos após sua independência. Era como se estivéssemos no Brasil em 1826, quatro anos após a independência, só que estávamos

em Moçambique. Estávamos ali para contribuir com a reconstrução do país, dominado pelo colonialismo, quando recebemos a visita de Dr. Arraes – “Dr. Arraia”, como dizem os pernambucanos. Ali tivemos a oportunidade de ouvi-lo falar de seu sertão pernambucano, do Nordeste e do Brasil. Naquele mesmo dia, depois de suas palavras, tomamos a decisão de que, quando tivéssemos a chance de retornar ao Brasil, pois estávamos exilados, voltaríamos para viver em Pernambuco. E não apenas isso: voltaríamos para trabalhar com nosso ídolo político da época, o Dr. Arraes. Foi o que fizemos. Essa experiência bonita nos ajudou enormemente ao longo de todos esses anos. Isso foi em 1980 e ali ficamos até o final de 1981.

Cumprimos algumas missões das quais me orgulho muito; entre elas, trabalhar para a mobilização dos trabalhadores da cana-de-açúcar, para a recuperação do movimento sindical. O Dr. Arraes se dedicou inteiramente a cumprir algumas missões de andar pelos engenhos, levantando a situação dos trabalhadores da cana, a opressão em que viviam, a falta de liberdade para reconstruir as suas entidades de luta. Tivemos alguns momentos de confrontos, mas seguíamos rigorosamente suas orientações. E é isto que me faz sentir orgulhoso de ter tido essa chance, a oportunidade de militar ao lado de um dos maiores políticos, de um mito da política nacional, que foi Dr. Arraes.

Com o mesmo inconformismo, ele conseguiu contagiar a todos nós que trabalhávamos com ele. Até hoje não nos conformamos de viver num País injusto com seu povo, um País da desigualdade, um País onde o Estado brasileiro é o grande instrumento de transferência de riqueza dos pobres para os ricos. O Estado é que garante essas brutais desigualdades. E o espírito do Arraes guerreiro...

(Interrupção do som.)

O SR. JOÃO CAPIBERIBE (Bloco/PSB – AP) – ...nos contaminou. Esse inconformismo com a desigualdade está presente em cada militante do nosso Partido. Temos procurado fortalecer e organizar o nosso Partido na base, tendo na nossa memória o exemplo de luta política, de sofrimento, de injustiça.

Hoje, para as gerações atuais, para os jovens do presente é inimaginável uma figura como Arraes encarcerada, colocada na prisão, humilhada. Mas isso faz parte da história, da construção democrática deste País, das lutas sociais. Por isso, quando falamos em Arraes há emoção, sentimento e profundo carinho. O exemplo de Arraes vive. Ele está vivo e nos orienta no nosso glorioso Partido, o PSDB. Arraes está vivo e continua sendo o guerreiro do povo brasileiro.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE) – Para falar em nome do PTB da Câmara dos Deputados, concedo a palavra ao ilustre Deputado José Chaves.

O SR. JOSÉ CHAVES (PTB – PE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Meu caro Presidente, Deputado Inocêncio Oliveira, Srs. Ministros, Srs. e Srs. Senadores, meus caros amigos Deputados, creio que, como eu, alguns passaram aqui com uma dupla vivência com o Dr. Arraes: de homem público e de amigo. Estou nessa condição, estou nessa limitação sentimental de que o País, Pernambuco, perdeu um grande homem público e eu, pessoalmente, perdi um amigo. Tenha absoluta convicção, José Almino Alencar, de que nutríamos uma relação de amizade em todos os momentos, de respeito de minha parte por ele, mas a recíproca era uma forte amizade que se nutria de nossas relações.

Serei rápido, e vou lembrar como estudante secundarista o movimento do Golpe Militar e vou lembrar, meus caros Ministros Sérgio Rezende e Ciro Gomes, a história de Dr. Pelópidas da Silveira, tão reto, tão digno quanto o Dr. Arraes, exemplo de gerações e gerações. O Dr. Pelópidas da Silveira contava com detalhes – era um engenheiro da construção social, e eu, como engenheiro, tinha nele um espelho – uma vez, duas vezes, três vezes uma história de ética, mas sobretudo de coragem cívica. Primeiro de abril, 1964: as forças do golpe cercam o Palácio do Campo das Princesas. Chega à sala principal de Dr. Arraes algum coronel – não sei o nome, até que desconfio, mas prefiro poupá-lo: “Sr. Governador, está pronta a sua renúncia”. O Dr. Arraes, com toda a calma, com toda a sua coragem cívica: “Sr. Coronel, eu não teria como continuar a olhar para os meus filhos se renunciasse ao mandato dado pelo povo. O senhor não é o responsável e muito menos o movimento que aí se instala pela minha condição de Governador. Jamais poderei olhar para os meus filhos se tiver que assinar esta renúncia.”

Essa história o Dr. Pelópidas contava uma vez, duas vezes, três vezes e se for, nesta semana, à casa dele, meu caro Eduardo, ele conta com a maior emoção a dignidade de um homem público. Essas coisas não se fazem no dia-a-dia. Essa coragem cívica fica marcada. Isso seria, meu caro Eduardo, o suficiente para lembrar o Dr. Miguel Arraes no dia de hoje.

Eu ouvi atentamente o Senador Pedro Simon. Disse tudo. Falou sobre um acordo do campo. Eu lembro que há poucos dias, num programa do PSB, foi um industrial do campo – naquela época, chamado por alguns de usineiro. Alguns até pejorativamente, mas com a maior dignidade de reconhecer que antes do Dr. Arraes havia a lei da oferta e da procura selvagem

– não equilibrada, mas selvagem – em que o dono de cada usina definia o salário de cada trabalhador. Foi por meio de um movimento liderado pelo Dr. Arraes que tentamos, em vão, fazer o equilíbrio.

Meu caro João Almino, que você e toda a sua família levem daqui a consciência absolutamente tranqüila de que têm a maior das heranças: o exemplo. E fique convicto de que assisti do Dr. Arraes a síntese de uma palavra que sempre procurei ouvir. Ele não tinha discriminação do setor privado, do setor produtivo, muito menos era um pregador da estatização, mas ele tinha uma preocupação em cada obra, por menor que fosse ou maior que fosse, se ela era para...

(Interrupção do som.)

O SR. JOSÉ CHAVES (PTB – PE) – ...beneficiar a minoria ou a maioria. Encerro, Sr. Presidente, dizendo, meu caro Eduardo, que o Dr. Arraes praticou a política de maioria.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE) – Para falar em nome do PL, Partido Liberal, da Câmara dos Deputados, concedo a palavra ao ilustre Deputado Inaldo Leitão.

O SR. INALDO LEITÃO (PL – PB. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente desta sessão, Congressista Inocêncio Oliveira, Sr. Ministro Eduardo Campos, meu amigo, meu colega Deputado Federal, Sr. Ministro Ciro Gomes da Integração Nacional, demais autoridades que aqui estão, Srs. e Srs. Congressistas, nesta sessão de homenagem ao eterno Líder político Miguel Arraes devemos pontificar que Miguel Arraes foi uma das figuras políticas de maior relevância dos últimos 40 anos da história do País. A trajetória pessoal e política de Miguel Arraes se confunde com os acontecimentos mais marcantes desse período. É difícil demarcar onde entra o ser humano e onde aparece o político em tempo integral. O brilhante parlamentar e o eficiente governador pernambucano encarnou em si todos os anseios do povo sofrido de sua terra. E foi além: tornou-se um símbolo de resistência nacional à ditadura, ao coronelismo e ao modo ultrapassado de se fazer política.

Senhores, esta homenagem a Miguel Arraes revela uma característica do grande homem público que ele sempre foi. Vemos aqui reunidos políticos de todas as cores partidárias e ideológicas, que deixaram momentaneamente de lado suas diferenças para enaltecerem um homem cuja grandeza pairava acima dessas divisões. E assim era em vida Miguel Arraes. Firme em suas convicções. Determinado em suas ações administrativas. Ético, honesto, leal, galante e humano para com quem não comungava de seu ide-

ário. Arraes sabia que, para governar e legislar, tinha que transigir. Era necessário, democraticamente, ouvir todos os lados interessados, para só depois tomar uma decisão baseada no fim último do bem comum, do bem da coletividade.

Mesmo no período amargo do exílio, nunca se soube de uma atitude antidemocrática que o político pernambucano tenha tomado contra alguém. Sempre sereno e consciente de que a vida em sociedade estava baseada fundamentalmente na convivência entre os contrários.

Miguel Arraes viverá para sempre em nós como um modelo de correção no trato da vida pública. Servirá como estímulo para que sempre esgotemos até a exaustão a vida negocial do entendimento entre os partidos. Permanecerá Miguel Arraes entre nós como farol a iluminar a estrada da democracia, da qual nunca deveremos nos afastar. A pior democracia, já dizia Churchill, é preferível à melhor das ditaduras.

Miguel Arraes corporificou até à alma essa máxima. Abdicou, muitas vezes, até da convivência familiar e do aconchego dos amigos em favor do ideal de lutar por um país mais justo e que atenda melhor a todos os seus filhos.

Miguel Arraes, para mim, é um daqueles homens imprescindíveis, como nos versos de Brecht. E talvez uma frase possa resumir quem era Miguel Arraes, uma frase de Kierkegaard: “A verdade é você acreditar numa idéia e morrer por ela”.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE) – Depois de ouvirmos representantes dos diferentes partidos com assento nesta Casa, que mostraram, através do seu convívio pessoal, aquilo que eles tinham e sabiam a respeito do Dr. Arraes, eu queria saudar aqui, ao encerrar minhas palavras e esta belíssima sessão de homenagem a um dos melhores homens públicos deste País, o nosso querido colega e amigo Eduardo Campos, herdeiro político do Dr. Arraes, exemplo de homem público que honra o Estado de Pernambuco e todos os cargos que ocupou e que, por certo, haverá de ocupar.

Quero saudar o grande Ministro da Integração Nacional, Ciro Gomes, que é um orgulho para nós do Nordeste. Hoje é um cidadão nordestino com todas as honras e com todos os méritos.

Quero saudar também outro nordestino de boa cepa, que é o nosso querido Ministro Sérgio Rezende; quero saudar aqui o ex-Ministro, Vice-Presidente e Presidente em exercício do Partido Socialista Brasileiro, Partido de Dr. Arraes. Veja, a importância de Dr. Arraes é tão grande que o Partido Socialista, que tem anos, hoje é conhecido como o Partido do Dr. Arraes.

Quero saudar os queridos filhos, aqui o primeiro filho, José Almino, e o nosso querido Carlos Augusto.

Quero saudar Renata, a esposa do meu querido Eduardo; saúdo toda a família do Dr. Arraes, D. Madalena, que não está presente, companheira de todas as horas, no exílio e em todos os momentos.

Srs. Deputados e Srs. Senadores, há mais de três décadas militando na vida pública, tive a honra de desfrutar da amizade pessoal e do carinho do Dr. Arraes e acompanhar de perto a trajetória política do ex-Prefeito do Recife, ex-Governador e Deputado Miguel Arraes, figura exponencial de quem reverencio a memória nesta homenagem póstuma.

Há pouco, conversando com o ilustre Presidente em exercício do PSB, Roberto Amaral, ele me dizia da amizade pessoal e do carinho com que Dr. Miguel Arraes citava o meu nome. A recíproca, meu caro Roberto Amaral, é verdadeira.

De origem modesta, nascido na região do Araripe, e eu lá no meu Pajeú, o Dr. Arraes nunca se esquecia, se me encontrasse diariamente, de perguntar: “como vai o nosso sertão?” Ele queria saber se havia chovido, queria saber se o sertanejo tinha água, queria saber se o sertanejo tinha tido safra que lhe permitisse guardar aquela reservazinha para os momentos difíceis. Queria inteirar-se de tudo o que havia no sertão.

O Dr. Arraes pertence à estirpe dos sertanejos que ultrapassaram fronteiras e continuam fiéis às suas raízes, para cumprir o lema segundo o qual se quer ser universal, ama a sua aldeia, na expressão de Dostoievski. Arraes foi um sertanejo que se tornou cidadão do Brasil, quicá cidadão do mundo, porque, hoje, os livros do Dr. Arraes são procurados em várias partes do mundo.

Combateu o bom combate na linha do ideário em que acreditava, de lutar pela justiça no campo social. Também rendo minhas homenagens a sua coerência de vida. Ao adotar a política como seu ofício, batalhou no campo das idéias e sublimou ou relevou as questões pessoais. Nesse ponto é que consiste o divisor de águas, pois merecia o respeito de adversários e correligionários, a quem retribuía com igual tratamento.

Estivemos em campos partidários opostos ao longo de nossa trajetória, ao mesmo tempo em que cultivamos um trato pessoal ameno e uma amizade recíproca. Tendo ingressado na vida pública, no final da década de 40, como Secretário da Fazenda no Governo Barbosa Lima Sobrinho, o Dr. Miguel Arraes projetou-se no cenário nacional e ocupou a galeria dos políticos da dimensão nacional, ao lado de Celso Furtado, Leonel Brizola, Francisco Julião, Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, Jânio Quadros, além do

religioso D. Hélder Câmara entre os que já deixaram o nosso convívio.

O ex-Governador Waldir Pires, o ex-Senador Paulo Brossard e o Senador Pedro Simon fazem parte dessa memória viva da política nacional como representantes da ética e da seriedade na vida pública. Como combatente da democracia e por ser fiel aos seus ideais, Miguel Arraes, eleito constitucionalmente Governador de Pernambuco, resistiu ao movimento militar de 64, foi preso e teve que amargar o exílio na Argélia.

Cumpriu a sua sina no exílio, retornou ao Brasil ao ser anistiado em 1979 e, novamente, conquistou o poder nas eleições diretas de 1986. A partir daí, continuou a fazer a história na vida pública nacional e foi reconhecido como um referencial dos ideários das esquerdas, mantida a coerência aos princípios que nortearam sua vida. Divergências ou concordâncias à parte, por isso credenciou-se ao respeito de seus contemporâneos e a admiração do povo humilde, com quem mantinha afinidades.

Político forjado nas lutas populares das décadas de 50 e 60, o Dr. Arraes tinha como traços mais marcantes o patriotismo e o espírito nacionalista.

Rendo, portanto, minhas homenagens ao guerreiro de origem sertaneja que foi fiel a suas raízes e combateu o bom combate em defesa dos seus irmãos; que se projetou no cenário nacional com honradez e coerência; que, como cidadão e pai de família, zelou pelos seus entes queridos e foi por eles zelado; que deixou sua marca indelével na história política de Pernambuco e do Brasil.

Esse é o testemunho que faço como prova de reconhecimento àquele que, sem sombra de dúvida, foi um dos melhores homens públicos deste País, um verdadeiro republicano, na acepção da palavra!

Muito obrigado! (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE)

– Concedo a palavra ao Senador Marcelo Crivella, pela Liderança do PL, aqui nesta mais Alta Casa do Poder Legislativo do Brasil, sem os entraves burocráticos do Congresso Nacional.

O SR. MARCELO CRIVELLA (Bloco/PL – RJ.

Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.)

– Agradeço profundamente a deferência e o carinho com que V. Ex^a me trata neste momento!

Como Líder do PL, eu não poderia deixar de vir aqui, Sr. Ministro, Sr. Presidente do PSB, ilustres membros desta Mesa, para dizer como fiquei profundamente impressionado, durante a pequena convivência que tivemos, com um discurso que o Governador Miguel Arraes fez à época da candidatura do Governador Garotinho. Tive a oportunidade de me pronunciar logo após o discurso dele, que, já àquela época era

incomodado por questões de fragilidade na saúde. E, apesar disso, fez um discurso, de improviso, com tanta paixão e com tanto amor a esta terra que fiquei muito impressionado, confesso!

Sei que o tempo calou sua voz, ele já não está mais no nosso meio, mas suas idéias permanecem, e, como Líder do meu Partido, jamais poderia deixar de vir aqui para prestar esta homenagem àquele que recebeu do povo do seu Estado três mandatos, como demonstração de carinho e apreço por sua trajetória.

Portanto, fica aqui a minha homenagem e a homenagem do meu Partido.

Sr. Presidente, muito obrigado pela oportunidade!

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE)

– Os Srs. Senadores Cristovam Buarque e Flexa Ribeiro e o Sr. Deputado Alexandre Cardoso enviaram discursos à Mesa para serem publicados na forma do disposto no art. 203, do Regimento Interno do Senado Federal, primeiro subsidiário do Regimento Comum.

S. Ex^{as} serão atendidos.

O SR. CRISTOVAM BUARQUE – (Sem Partido.

Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Congressistas, nem Brizola nem Prestes, nem Darcy nem Furtado, nem Barbosa Lima nem Marighella, nem Gregório nem Betinho, nem Dom Helder nem Arraes. A esquerda de hoje ficou completamente órfã. O último de nossos líderes partiu.

Quando morrem os líderes, a orfandade vem sobretudo da ausência de bandeiras deixadas para seus seguidores. Fica o vazio, o silêncio da morte. O vazio de hoje está amplificado pela falta de bandeiras próprias da esquerda: não temos quem fale por nós, nem o que dizer por nós mesmos. E se soma à frustração com o Governo que esses mesmos líderes ajudaram a construir – o Governo Lula.

Mas, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Senadores, o sentimento de Arraes já era de frustração, como pude perceber em nossa última conversa, uma semana antes de sua hospitalização. Ele percebia que a esquerda havia perdido o rumo. Não estávamos nos ajustando, mas sim nos entregando à realidade dos novos tempos. Mais do que aceitar a realidade da economia e do mundo que se seguiu à queda do Muro, à globalização, ao liberalismo, tínhamos abandonado valores e princípios que são permanentes.

A esquerda, e sobretudo o Governo, tinha abandonado o povo para ficar com as corporações, deixando de lado a educação básica para atender as reivindicações dos universitários, preferindo os sindicatos à Nação, comemorando pequenas assistências em lugar de programas transformadores. E Arraes sabia que era preciso reorientar nossa luta, buscar a unifi-

cação de todos aqueles que ainda desejam um Brasil diferente. Arraes, assim como os demais líderes citados acima, morreu tentando. Morreu carregando no coração de 88 anos os mesmos compromissos feitos aos 18. Morreu como o líder das esquerdas, o último líder que conduziu minha geração. Deles podemos e devemos discordar, mostrar seus acertos e erros. Mas não podemos negar que tinham em comum o sonho de um Brasil diferente.

Esses líderes acreditavam que era possível construir um Brasil soberano, com uma população bem educada, uma renda desconcentrada, uma desigualdade regional diminuída, com recursos nacionais a serviço da Nação e do povo. Lutaram para completar nossa Independência, a Abolição e a República. Seus caminhos eram as reformas, a mobilização social; não eram as pesquisas de opinião e o *marketing* político. Todos eles foram homens de diálogo, com princípios; todos se ajustaram às mudanças da realidade, mas não se entregaram a ela, não abandonaram seus princípios e sonhos.

É por isso que dei a Arraes meu primeiro voto, em 1962, para governador de Pernambuco, e quarenta e três anos depois, só tenho orgulho do voto que então lhe dei. Talvez seja esse o maior conforto que possamos ter, no momento da morte: o fato de não termos nos arrependido de votar nele. É o melhor elogio que um político pode receber. Votaria nele outra vez e com maior admiração ainda.

Por seu exemplo permanente e por suas bandeiras permanentes é que “Arraes taí”. Com esse *slogan* comemoramos sua volta, depois de quase duas décadas no exílio. Esse *slogan* continua válido. Porque o que ele começou ainda não foi completado.

“Arraes taí”, Sr. Presidente, e nós temos a obrigação de continuar lutando pela causa que ele carregou com coerência, coragem, lucidez. Ajustando-a quando necessário, mas sem entregá-la jamais.

Era o que eu tinha a dizer.

Muito obrigado.

O SR. FLEXA RIBEIRO (PSDB – PA. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Congressistas, não poderia ser mais justa a merecida homenagem que o Senado Federal presta a um dos mais veementes defensores da República e da vida democrática brasileira. Há pouco mais de um mês, aos 88 anos de vida e mais de meio século de dedicação à política brasileira, Miguel Arraes veio a falecer, depois de semanas internado em um hospital de Recife, apresentando crônicos problemas cardíacos e renais.

Sua resistência a uma traqueostomia e a duas cirurgias para conter hemorragias no duodeno e no pulmão parece ter sido tão renhida quanto aquela em-

pregada contra a ditadura e seus algozes. Contudo, enquanto nesta o triunfo colhido lhe conferiu incomensurável fôlego político, naquela a tirania da morte não lhe poupou sequer mais um bafejo de vida.

Se a retomada do bom funcionamento do seu organismo dependesse exclusivamente da vontade de vida, de luta, de resistência do “Pai Arraia”, como era carinhosamente chamado pelos camponeses do sertão, certamente sua voz ainda estaria a ecoar pelos corredores políticos do País.

Contudo, na impossibilidade da reversão do destino, o anúncio da morte do líder socialista provocou um sentimento de ausência e de vazio na história brasileira. Políticos de todos os matizes não se furtam a reconhecer a competência, a seriedade, a sensibilidade de Arraes como homem público de alta estatura, insubstituível no panteão dos grandes políticos do País.

Em meio a tantas manifestações de apoio, o Prefeito de São Paulo, José Serra, divulgou nota, na qual reiterava que Miguel Arraes fora um dos homens mais importantes da vida pública brasileira, salientando que, mesmo antes do golpe de 64, ele já teria sido um dos principais dirigentes de esquerda no Brasil. A morte dele, segundo Serra, significaria uma perda muito grande para a política brasileira.

Não por acaso, o Governador de São Paulo, Geraldo Alckmin; o prefeito Serra e outros representantes do PSDB chegaram ao palácio do governo de Pernambuco momentos antes da cerimônia fúnebre para manifestar condolências à família de Arraes e a todos os pernambucanos. Ao lado de familiares de Arraes e outros políticos, acompanharam as últimas homenagens prestadas ao grande guerreiro do povo.

Sr. Presidente, Miguel Arraes de Alencar nasceu em 1916, em Araripe (CE), mas construiu sua carreira política em Pernambuco, Estado que governou por três vezes. Político de sucesso na terra do frevo, ocupou a Secretaria da Fazenda, foi Deputado estadual três vezes e, aos 43 anos, chegou à Prefeitura de Recife. Três anos depois, em 1962, venceu uma das eleições mais disputadas do Brasil, a de governador de Pernambuco.

Próximo dos comunistas, que estavam na ilegalidade, adotou medidas reformistas, como o apoio ao programa de alfabetização idealizado pelo educador Paulo Freire e a defesa da reforma agrária, e acabou por simbolizar a esquerda administrativa daquelas priscas eras de nossa democracia.

Arraes tentou ter um papel expressivo nas articulações que precederam o golpe militar, participou do comício da Central do Brasil, em março de 1964. Embora, naquela ocasião, não tenha conseguido ocupar espaço político próprio, chegou a ser muito cortejado

por Magalhães Pinto, pré-candidato à Presidência da República e que gostaria de ter um vice do Nordeste e mais à esquerda, dando um tom reformista à sua chapa.

Quase mitificado no interior do Estado, onde era tido como intransigente defensor dos pobres, Arraes foi deposto pelo regime militar, em 1964, durante seu primeiro mandato no governo. Com o golpe de 31 de março, decretaram-se a destituição de João Goulart e a prisão de Arraes, que dignamente se recusou a renunciar pela força das armas o Governo do Estado.

Foi levado preso do Palácio das Princesas para Fernando de Noronha. Lá, permaneceu por um ano em regime de carceragem. Libertado por um **habeas corpus**, acabou sendo obrigado a pedir asilo à embaixada da Argélia. Logo depois, partiu para o exílio. Residiu por 14 anos em Argel, onde se transformou em um próspero empresário. Lá, não se satisfaz com o exercício de qualquer ofício tradicionalmente reservado a exilados estrangeiros. Preferiu, no lugar, enveredar pela via dos empreendimentos privados, firmando carreira como renomado empreiteiro e comerciante.

Nesses anos, teve uma atuação política discreta e tentou manter, mesmo à distância, sua influência em Pernambuco. Em 1979, com a decretação da Lei da Anistia, Arraes retornou ao País literalmente carregado pelos braços do povo. Inesquecíveis são as cenas televisivas que gravaram na memória brasileira a efervescência popular quando do desembarque do ex-governador em terras brasileiras.

De regresso ao Brasil, Arraes encontrou o espaço político pernambucano de centro-esquerda ocupado pelo MDB. Se, de um lado, os mais conservadores eram liderados por Tales Ramalho, de outro, os autênticos, eram capitaneados por Marcos Freire, Jarbas Vasconcelos e Fernando Lyra. Como bem ironicamente reiteram os historiadores, era como se o herói de Homero, Ulisses, depois de enfrentar tantos desafios, retornasse a Ítaca e encontrasse Penélope com outro marido. E, pior: feliz.

Enfim, buscou articular com a direção nacional do partido e fazer parte do sucedâneo do MDB, o PMDB. Conseguiu ser eleito para o comando nacional, mas não tinha as condições necessárias para influenciar decisivamente os rumos do partido. Mesmo assim, eleito deputado federal, aproveitou para ir tecendo as alianças para a eleição de 1986, retomando os contatos com as lideranças do sertão e do agreste e aparando as arestas com os conservadores do Estado. A estratégia logo se comprovou exitosa.

Desse modo, conquistou seu segundo mandato como governador e, em 1994, retornou ao poder pela terceira vez, batendo Gustavo Krause, à época can-

didato do PFL. Todavia, nesse mandato, foi acusado, com seu neto e então secretário da Fazenda, de envolvimento em irregularidades com a negociação de precatórios. Apesar de terem sido inocentados pela Justiça, o episódio abalou sua campanha para a reeleição em 1998.

Com formação em Direito e com ideologia fincada no socialismo, mantinha atualmente divergências políticas com o PT pernambucano, apesar de ser aliado de Lula. Figura totêmica do PSB, Arraes preparou a senda política para que seu neto e herdeiro preferencial Eduardo Campos, ex-Ministro da Ciência e Tecnologia, fosse pré-candidato ao governo de Pernambuco em 2006.

Dos políticos expressivos do pré-64, Miguel Arraes era o último que se mantinha na vida pública. Ao lado de Leonel Brizola, Ulysses Guimarães e Tancredo Neves, legou à história brasileira uma marca política indelével, na defesa intransigente de uma agenda socialmente prioritária nas políticas públicas. Por isso mesmo, longe de ser classificado como um político regional, exerceu papel expressivo na esfera nacional, tanto antes do golpe militar, como após o retorno do exílio até a Presidência de Lula.

À guisa de conclusão, Sr. Presidente, eu gostaria de manifestar minhas mais sinceras condolências à família de Miguel Arraes, ao povo pernambucano e aos brasileiros, na certeza de que a história do Brasil já lhe assegurou lugar de excepcional destaque. Resta-nos, enfim, o compromisso de praticar na memória nacional um diuturno exercício político de respeito à causa pública, às reivindicações sociais e de amor à democracia. Seria a homenagem mais sincera à vida de Arraes.

Era o que eu tinha a dizer.

Muito obrigado.

O SR. ALEXANDRE CARDOSO (PSB – RJ. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Congressistas, Arraes terminou uma geração com uma diferença: era um líder de massa que formulava.

Arraes marcou uma geração escutando muito, falando pouco e fazendo muito mais.

Era um homem de palavra, e não há referência política no mundo que não cite Arraes na expressão “o tratado é para ser cumprido.”

Neste momento em que homenageamos o Dr. Arraes, não podemos deixar de citar sua capacidade de escutar os que não tinham voz, sua capacidade de entender os que não sabiam se expressar e sua capacidade de criar esperança aos desesperançados.

Para terminar, vamos citar Brecht: “Os que lutam um dia são importantes, os que lutam mais dias são mais importantes e os que lutam sempre são imprescindíveis”.

Arraes era um dos imprescindíveis e o caboclo que no dia de sua morte disse que o Arraes não morreu, foi semeado, ele quis dizer que o Arraes vive e que os imprescindíveis são eternos.

Arraes vive! Arraes vive!

Era o que eu tinha a dizer.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE) – Nada mais havendo a tratar, agradecendo a presença das autoridades, dos familiares do Dr. Arraes e de todos aqui presentes, declaro encerrada esta sessão.

O SR. PRESIDENTE (Inocêncio Oliveira. PL – PE) – Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 13 horas e 32 minutos.)

Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização⁽¹⁾

Número de membros: 21 Senadores e 63 Deputados

Comissão instalada em 31-5-2005

Composição

Presidente: Senador Gilberto Mestrinho

1º Vice-Presidente: Deputado Mussa Demes

2º Vice-Presidente: Senador Sergio Guerra

3º Vice-Presidente: Deputado Ronaldo Dimas

Relator da LDO/2006: Deputado Gilmar Machado

SENADORES	
Titulares	Suplentes
BLOCO DA MINORIA (PFL-PSDB)	
Heráclito Fortes ⁽³⁾	1. Demóstenes Torres (3)
Efraim Morais (3)	2. Jonas Pinheiro (3)
Romeu Tuma (3)	3. José Jorge (3)
Paulo Octávio (3)	4. Edison Lobão (3)
Sergio Guerra (3)	5. Flexa Ribeiro (3)
Lúcia Vânia (3)	6. Teotônio Vilela Filho (3)
Leonel Pavan (3)	7. Arthur Virgílio (3)
	8.
PMDB	
Valdir Raupp	1. Wirlande da Luz
Amir Lando	2. Ney Suassuna
Gilberto Mestrinho	3. José Maranhão
Hélio Costa	4. Leomar Quintanilha
Garibaldi Alves Filho	5. João Batista Motta
	6. Antônio Leite ⁽⁴⁾
BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT-PSB-PTB-PL-PPS)	
Nezinho Alencar	1. Delcídio Amaral
Fernando Bezerra	2. Ideli Salvatti
Magno Malta	3. Aelton Freitas
Mozarildo Cavalcanti	4. Marcelo Crivella
Serys Sthessarenko	5. Sérgio Zambiasi
Sibá Machado	6. João Capiberibe
PDT	
Augusto Botelho	1.
⁽¹⁾ P-SOL	
Geraldo Mesquita Júnior	1.

⁽¹⁾ Designação feita em 25-5-2005.

⁽³⁾ Designação feita em 31-05-2005, Bloco (PFL/PSDB) – SF.

⁽⁴⁾ Substituição feita em 7-6-2005. PMDB-SF.

⁽¹⁾ Designação feitas nos termos da Res. Nº 2/2000-CN.

Pesquisa na Internet: <http://www.senado.gov.br>

CLICAR: ATIVIDADE LEGISLATIVA; MATÉRIAS; ATIVIDADE LEGISLATIVA(alto da página); PESQUISA AVANÇADA; Congresso Nacional; Matérias em Tramitação

(continuação da Composição da CMO)

DEPUTADOS	
Titulares	Suplentes
PT	
Carlito Merss – SC	1. Assis Miguel do Couto – PR
Devanir Ribeiro – SP	2. Eduardo Valverde – RO
Gilmar Machado – MG	3. Ivan Valente - SP
João Magno – MG	4. Leonardo Monteiro – MG
Jorge Bittar – RJ	5. Neyde Aparecida – GO
Nazareno Fonteles – PI	6. Nilson Mourão - AC
Nelson Pellegrino – BA	7. João Grandão – MS ⁽¹⁾
Paulo Pimenta - RS	8. Paulo Rubem Santiago – PR
Professor Luizinho – SP	9. Vignatti – SC
Vander Loubet – MS	10. Zarattini – SP
Wasny de Roure – DF	11. Zé Geraldo – PA
PMDB	
Hermes Parciannelo – PR	1. Aníbal Gomes – CE
José Borba – PR	2. Edson Ezequiel – RJ
José Divino – RJ	3. Jorge Alberto – SE
José Priante – PA	4. Lupércio Ramos – AM
Luiz Bittencourt – GO	5. Marcelino Fraga – ES
Marcelo Castro – PI	6. Olavo Calheiros – AL
Mauro Lopes – MG	7. Rose de Freitas - ES
Pedro Chaves – GO	8. João Magalhães-MG (5)
Pedro Novais – MA	9. Paulo Afonso-SC (5)
Wilson Santiago – PB	10. Waldemir Moka-MS ⁽⁵⁾
Zé Gerardo – CE	11.

⁽¹⁾ 1. Substituição do Dep. Orlando Desconsi (S) pelo Dep. João Grandão (S), em 01-06-2005 – PT – CD

⁽⁵⁾ Indicações feitas em 17-6-2005, PMDB-CD.

Pesquisa na Internet: <http://www.senado.gov.br>

CLICAR: ATIVIDADE LEGISLATIVA; MATÉRIAS; ATIVIDADE LEGISLATIVA(alto da página); PESQUISA AVANÇADA; Congresso Nacional. Matérias em Tramitação

(continuação da Composição da CMO)

DEPUTADOS	
Titulares	Suplentes
BLOCO (PFL/PRONA)	
Cláudio Cajado – BA	1. Davi Alcolumbre – AP
Eduardo Sciarra – PR	2. Fernando de Fabinho – BA
José Carlos Machado – SE	3. José Mendonça Bezerra – PE
José Rocha – BA	4. José Roberto Arruda – DF
Júlio Cesar – PI	5. Kátia Abreu – TO
Laura Carneiro – RJ	6. Lael Varella – MG
Mussa Demes – PI	7. Luiz Carreira – BA
Pauderney Avelino – AM	8. Marcos Abramo – SP
PSDB	
Anivaldo Vale – PA	1. Antonio Carlos Mendes Thame – SP
Bismarck Maia – CE	2. Domiciano Cabral – PB
Carlos Alberto Leréia – GO	3. Jorge VI – AL
Gustavo Fruet – PR	4. Márcio Fortes – RJ
Narcio Rodrigues – MG	5. Rafael Guerra – MG
Ronaldo Dimas – TO	6.
Silvio Torres – SP	7.
PP	
Benedito de Lira – AL	1. João Tota – AC ⁽²⁾
Enivaldo Ribeiro – PB	2. Leodegar Tiscoski – SC
Francisco Dornelles – RJ	3. Mário Negromonte – BA
Márcio Reinaldo Moreira – MG	4. Ricardo Barros – PR
Nelson Meurer – PT	5. Sandes Júnior – GO
Pedro Canedo – GO	6. Paes Landim (cessão PTB)

⁽²⁾ Substituição feita em 1º-6-2005-PP-CD.

Pesquisa na Internet: <http://www.senado.gov.br>

CLICAR: ATIVIDADE LEGISLATIVA; MATÉRIAS: ATIVIDADE LEGISLATIVA(alto da página); PESQUISA AVANÇADA; Congresso Nacional; Matérias em Tramitação

(continuação da Composição da CMO)

DEPUTADOS	
Titulares	Suplentes
PTB	
Elaine Costa – RJ	1. Alex Canziani – PR
Iberê Ferreira – RN	2. Arnon Bezerra – CE
Jackson Barreto – SE	3. Cleuber Carneiro – MG
José Chaves – PE	4. Homero Barreto – TO
Josué Bengtson – PA	5. José Militão – MG
Jovair Arantes – GO	6. Pedro Fernandes – MA
PL	
Amauri Gasques – SP	1. Almir Sá – RR
Humberto Michiles – AM	2. Heleno Silva – SE
Jaime Martins – MG	3. Júnior Betão – AC
João Leão – BA	4. Milton Monti – SP
Miguel de Souza – RO	5. Raimundo Santos – PA
Welinton Fagundes – MT	6. Wellington Roberto – PB
PPS	
Dimas Ramalho – SP	1.
Geraldo Thadeu – MG	2.
PSB	
Gonzaga Patriota – PE	1. Beto Albuquerque – RS
Renato Casagrande – ES	2. Pastor Francisco Olímpio – PE
PDT	
Luiz Piauhyllino – PE	1. Álvaro Dias – RN
Manato – ES	2. Dr. Rodolfo Pereira – RR
PC do B	
Sérgio Miranda – MG	1. Inácio Arruda – CE
PV	
Marcelo Ortiz – SP	1. Leonardo Mattos – MG

Secretária: Myrna Lopes Pereira

Endereço: Câmara dos Deputados – Anexo Luís Eduardo Magalhães – (Anexo II)
Ala "C" – Sala 8 – Térreo – CEP – 70160-900 – Tel: 318-6937 – 318-6938

Pesquisa na Internet: <http://www.senado.gov.br>

CLICAR: ATIVIDADE LEGISLATIVA; MATÉRIAS; ATIVIDADE LEGISLATIVA(alto da página); PESQUISA AVANÇADA; Congresso Nacional; Matérias em Tramitação

CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL

(Criado pelo Decreto Legislativo nº 70, de 23.11.1972)
(Regimento Interno baixado pelo Ato nº 1, de 1973-CN)

COMPOSIÇÃO

Grão-Mestre: Presidente do Senado Federal
Chanceler: Presidente da Câmara dos Deputados

MESA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS	MESA DO SENADO FEDERAL
<u>PRESIDENTE</u> Deputado Severino Cavalcanti (PP-PE)	<u>PRESIDENTE</u> Senador Renan Calheiros (PMDB-AL)
<u>1º VICE-PRESIDENTE</u> Deputado José Thomaz Nonô (PFL-AL)	<u>1º VICE-PRESIDENTE</u> Senador Tião Viana (PT-AC)
<u>2º VICE-PRESIDENTE</u> Deputado Ciro Nogueira (PP-PI)	<u>2º VICE-PRESIDENTE</u> Senador Antero Paes de Barros (PSDB-MT)
<u>1º SECRETÁRIO</u> Deputado Inocêncio Oliveira (PMDB-PE)	<u>1º SECRETÁRIO</u> Senador Efraim Morais (PFL-PB)
<u>2º SECRETÁRIO</u> Deputado Nilton Capixaba (PTB-RO)	<u>2º SECRETÁRIO</u> Senador João Alberto Souza (PMDB-MA)
<u>3º SECRETÁRIO</u> Deputado Eduardo Gomes (PSDB-TO)	<u>3º SECRETÁRIO</u> Senador Paulo Octávio (PFL-DF)
<u>4º SECRETÁRIO</u> Deputado João Caldas (PL-AL)	<u>4º SECRETÁRIO</u> Senador Eduardo Siqueira Campos (PSDB-TO)
<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Deputado Paulo Rocha (PT-PA)	<u>LÍDER DA MAIORIA</u> Senador Ney Suassuna (PMDB-PB)
<u>LÍDER DA MINORIA</u> Deputado José Carlos Aleluia (PFL-BA)	<u>LÍDER DA MINORIA</u> Senador Sérgio Guerra (PSDB-PE)
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA</u> Deputado Antonio Carlos Biscaia (PT-RJ)	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA</u> Senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA)
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u> Deputado Aroldo Cedraz (PFL-BA)	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL</u> Senador Cristovam Buarque (PT-DF)

Atualizado em 03.03.2005

**CONGRESSO NACIONAL
CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
(13 titulares e 13 suplentes)**

(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)

Presidente: ARNALDO NISKIER
Vice-Presidente: LUIZ FLÁVIO B. D'URSO

LEI Nº 8.389/91, ART. 4º	TITULARES	SUPLENTEs
Representante das empresas de rádio (inciso I)	PAULO MACHADO DE CARVALHO NETO	EMANUEL SOARES CARNEIRO
Representante das empresas de televisão (inciso II)	GILBERTO CARLOS LEIFERT	ANTÔNIO DE PÁDUA TELES DE CARVALHO
Representante de empresas da imprensa escrita (inciso III)	PAULO TONET CAMARGO	SIDNEI BASILE
Engenheiro com notório conhecimento na área de comunicação social (inciso IV)	FERNANDO BITTENCOURT	ROBERTO DIAS LIMA FRANCO
Representante da categoria profissional dos jornalistas (inciso V)	DANIEL KOSLOWSKY HERZ	CELso AUGUSTO SCHÖDER
Representante da categoria profissional dos radialistas (inciso VI)	EURÍPEDES CORRÊA CONCEIÇÃO	MÁRCIO LEAL
Representante da categoria profissional dos artistas (inciso VII)	BERENICE ISABEL MENDES BEZERRA	STEPAN NERCESSIAN
Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo (inciso VIII)	GERALDO PEREIRA DOS SANTOS	ANTÔNIO FERREIRA DE SOUSA FILHO
Representante da sociedade civil (inciso IX)	DOM ORANI JOÃO TEMPESTA	SEGISNANDO FERREIRA ALENCAR
Representante da sociedade civil (inciso IX)	ARNALDO NISKIER	GABRIEL PRIOLLI NETO
Representante da sociedade civil (inciso IX)	LUIZ FLÁVIO BORGES D'URSO	PHELIPPE DAOU
Representante da sociedade civil (inciso IX)	ROBERTO WAGNER MONTEIRO	FLÁVIO DE CASTRO MARTINEZ
Representante da sociedade civil (inciso IX)	JOÃO MONTEIRO DE BARROS FILHO	PAULO MARINHO

- • 1ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 5.6.2002
- • 2ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 22.12.2004

CONGRESSO NACIONAL
CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
(Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)

COMISSÕES DE TRABALHO

01 - Comissão de Regionalização e Qualidade da Programação
aguardando designação

02 - Comissão de Tecnologia Digital
aguardando designação

03 - Comissão de Radiodifusão Comunitária
aguardando designação

04 - Comissão de TV a Cabo
aguardando designação

05 - Comissão de Concentração na Mídia
aguardando designação

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL
Subsecretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SSCOP)
Telefones: (61) 311-4561 e 311-5259
sscop@senado.gov.br
www.senado.gov.br/ccs

COMISSÃO PARLAMENTAR CONJUNTA DO MERCOSUL

Representação Brasileira

COMPOSIÇÃO

16 Titulares (8 Senadores e 8 Deputados) e 16 Suplentes (8 Senadores e 8 Deputados)

Mesa Diretora eleita em 28.05.2003

Presidente: Deputado DR. ROSINHA	Vice-Presidente: Senador PEDRO SIMON
Secretário-Geral: Senador RODOLPHO TOURINHO	Secretário-Geral Adjunto: Deputado ROBERTO JEFFERSON

MEMBROS NATOS ⁽¹⁾	
Senador EDUARDO SUPPLY Presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado Federal	Deputada ZULAIÊ COBRA Presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional da Câmara dos Deputados

SENADORES

TITULARES	SUPLENTES
BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT – PTB – PSB)	
IDELI SALVATTI (PT/SC)	1. FLÁVIO ARNS (PT/PR)
SÉRGIO ZAMBIASI (PTB/RS)	2. ANTONIO CARLOS VALADARES (PSB/SE)
PMDB	
PEDRO SIMON (PMDB/RS)	1. LUIZ OTÁVIO (PMDB/PA)
ROMERO JUCA (PMDB/RR)	2. SÉRGIO CABRAL (PMDB/RJ)
PFL	
JORGE BORNHAUSEN (PFL/SC)	1. JOSÉ JORGE (PFL/PE)
RODOLPHO TOURINHO (PFL/BA)	2. ROMEU TUMA (PFL/SP)
PSDB	
EDUARDO AZEREDO (PSDB/MG)	1. LEONEL PAVAN (PSDB/SC)
PDT	
JEFFERSON PÉRES (PDT/AM)	Vago
PPS	
MOZARILDO CAVALCANTI (PPS/RR)	1. JOÃO BATISTA MOTTA (PMDB/ES)

DEPUTADOS

TITULARES	SUPLENTES
PT	
DR. ROSINHA (PT/PR)	1. PAULO DELGADO (PT/MG)
PFL	
GERVÁSIO SILVA (PFL/SC)	1. PAULO BAUER (PFL/SC)
PMDB	
OSMAR SERRAGLIO (PMDB/PR)	1. EDISON ANDRINO (PMDB/SC)
PSDB	
EDUARDO PAES (PSDB/RJ)	1. JULIO REDECKER (PSDB/RS)
PPB	
LEODEGAR TISCOSKI (PPB/SC)	1. CELSO RUSSOMANO (PPB/SP)
PTB	
ROBERTO JEFFERSON (PTB/RJ)	1. ARNALDO FARIA DE SA (PTB/SP)
PL	
OLIVEIRA FILHO (PL/PR)	1. WELINTON FAGUNDES (PL/MT)
PSB	
INÁCIO ARRUDA (PCdoB/CE)	1. JAMIL MURAD (PCdoB/SP)
PPS	
JOÃO HERRMANN NETO (PPS/SP)	1. CLÁUDIO MAGRÃO (PPS/SP)

Secretaria: Câmara dos Deputados - Anexo II - Sala T/28 – 70160-900 Brasília – DF / Brasil

Telefone: (55) (61) 318-8232 Fax: (55) (61) 318-2154

cpcm@camara.gov.br

www.camara.gov.br/mercosul

CONGRESSO NACIONAL
COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE
INTELIGÊNCIA

(Art. 6º da Lei nº 9.883, de 1999)

-

COMPOSIÇÃO

Presidente: Senador CRISTOVAM BUARQUE

CÂMARA DOS DEPUTADOS	SENADO FEDERAL
<u>LÍDER DA MAIORIA</u> PAULO ROCHA PT-PA	<u>LÍDER DA MAIORIA</u> NEY SUASSUNA PMDB-PB
<u>LÍDER DA MINORIA</u> JOSÉ CARLOS ALELUIA PFL/BA	<u>LÍDER DA MINORIA</u> SÉRGIO GUERRA PSDB-PE
<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> AROLDO CEDRAZ PFL-BA	<u>PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL</u> CRISTOVAM BUARQUE PT-DF

Atualizado em 15.03.2005

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL
Subsecretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SSCOP)
Telefones: 311-4561 e 311- 5255
sscop@senado.gov.br
www.senado.gov.br/ccai



SENADO FEDERAL

Secretaria Especial de Editoração e Publicações

Subsecretaria de Edições Técnicas

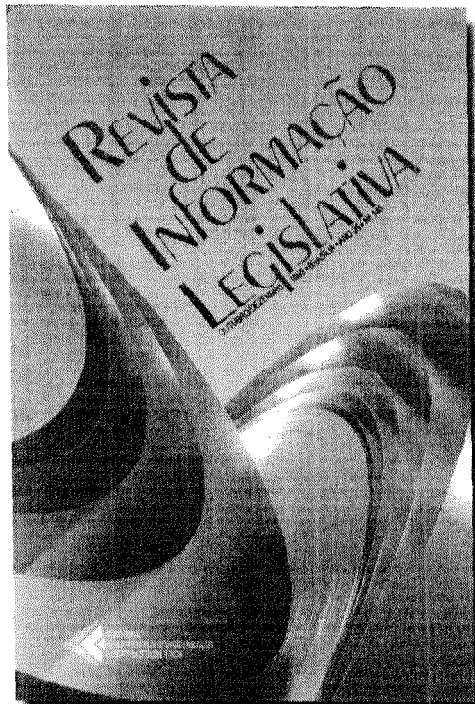
Revista de Informação Legislativa

Publicação periódica, com circulação trimestral, atualmente em sua 141ª edição. Divulga trabalhos elaborados pela Subsecretaria de Edições Técnicas, além de artigos de colaboração. Os trabalhos reportam-se a assuntos da área do direito e ciências afins, de interesse dos temas em debate no Congresso Nacional ou que se relacionem ao Poder Legislativo. Cada edição compreende, em média, trinta artigos inéditos.

Exemplar avulso: R\$ 10,00

Edições anteriores: R\$ 10,00

Assinatura anual (4 edições): R\$ 40,00



Conheça nosso catálogo na Internet

www.senado.gov.br/web/seeecat/catalogo.cfm

Para adquirir essa ou outra publicação:

- 1 - Confirme o preço e disponibilidade pelo telefone **(061) 311-3575**;
- 2 - Efetue depósito, no valor total da compra, em nome de **FUNSEEP**, agência **3602-1**, do **Banco do Brasil**, Conta-corrente **170.500-8**, preenchendo o campo "depósito identificado (código dv)/finalidade" com o código **02000202902001-3** (obrigatório);
- 3 - Para sua segurança, mantenha cópia do comprovante do depósito;
- 4 - Encaminhe o formulário abaixo (se necessário, anexe lista das publicações desejadas), acompanhado do comprovante **ORIGINAL** do depósito, para:

Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal
Via N2 - Unidade de apoio III - Praça dos Três Poderes
70.165-900 - Brasília - DF

Nome:			
Endereço:			
Cidade:		CEP:	UF:
Publicação	Quantidade	Preço Unit. (R\$)	Preço Total (R\$)



SENADO FEDERAL
Secretaria Especial de Editoração e Publicações
Subsecretaria de Edições Técnicas

Conheça algumas de nossas publicações

Revista de Informação Legislativa – Publicação periódica, com circulação trimestral, atualmente em sua 141ª edição. Divulga trabalhos elaborados pela Subsecretaria de Edições Técnicas, além de artigos de colaboração. Os trabalhos reportam-se a assuntos da área do direito e ciências afins, de interesse dos temas em debate no Congresso Nacional ou que se relacionem ao Poder Legislativo. Cada edição compreende, em média, trinta artigos inéditos.



Exemplar avulso: R\$ 10,00

Edições anteriores: R\$ 10,00

Assinatura anual (4 edições): R\$ 40,00



Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988

Publicação com atualização permanente. Contém o texto constitucional de 5 de outubro de 1988 com as alterações introduzidas pelas Emendas Constitucionais de Revisão, de nºs 1 a 6, e demais emendas constitucionais.

Preço por exemplar: R\$ 5,00

Consulte nosso catálogo na Internet: www.senado.gov.br/web/seepcat/catalogo.cfm

Para adquirir uma ou mais publicações:

- 1 - Confirme o preço e disponibilidade pelo telefone **(061) 311-3575**;
- 2 - Efetue depósito, no valor total da compra, em nome de **FUNSEEP**, agência **3602-1**, do **Banco do Brasil**, Conta-corrente **170.500-8**, preenchendo o campo "depósito identificado (código dv)/finalidade" com o código **02000202902001-3** (obrigatório);
- 3 - Para sua segurança, mantenha cópia do comprovante do depósito;
- 4 - Encaminhe o formulário abaixo (se necessário, anexe lista das publicações desejadas), acompanhado do comprovante **ORIGINAL** do depósito, para:

Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal
Via N2 - Unidade de apoio III - Praça dos Três Poderes
70.165-900 - Brasília - DF

Nome:			
Endereço:			
Cidade:		CEP:	UF:
Publicação	Quantidade	Preço Unit. (R\$)	Preço Total (R\$)



SENADO FEDERAL
Secretaria Especial de Editoração e Publicações
Subsecretaria de Edições Técnicas

Oito Anos de Parlamento

Coleção Biblioteca Básica Brasileira

Relato da experiência de Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior como Deputado na Câmara dos Deputados, representando a província de Minas Gerais de dezembro de 1881 a novembro de 1889. Com 163 páginas e introdução do Senador Lúcio Alcântara.

Preço por exemplar: R\$ 15,00



Conheça nosso catálogo na Internet
www.senado.gov.br/web/seepcat/catalogo.cfm

Para adquirir essa ou outra publicação:

- 1 - Confirme o preço e disponibilidade pelo telefone **(061) 311-3575**;
- 2 - Efetue depósito, no valor total da compra, em nome de **FUNSEEP**, agência **3602-1**, do **Banco do Brasil**, Conta-corrente **170.500-8**, preenchendo o campo "depósito identificado (código dv)/finalidade" com o código **02000202902001-3** (obrigatório);
- 3 - Para sua segurança, mantenha cópia do comprovante do depósito;
- 4 - Encaminhe o formulário abaixo (se necessário, anexe lista das publicações desejadas), acompanhado do comprovante **ORIGINAL** do depósito, para:

Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal
Via N2 - Unidade de apoio III - Praça dos Três Poderes
70.165-900 - Brasília - DF

Nome:			
Endereço:			
Cidade:		CEP:	UF:
Publicação	Quantidade	Preço Unit. (R\$)	Preço Total (R\$)



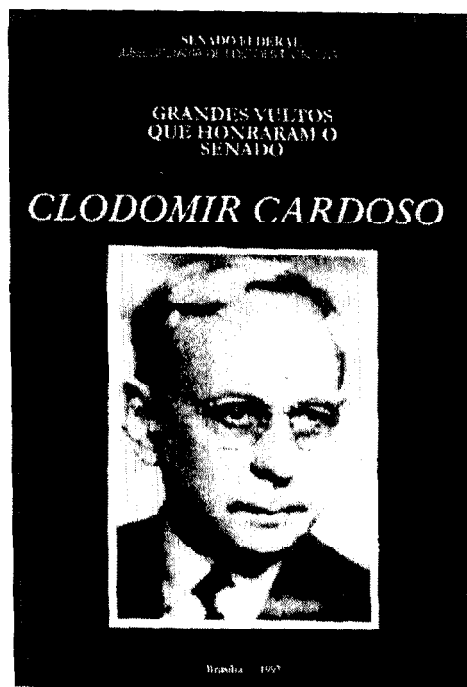
SENADO FEDERAL
Secretaria Especial de Editoração e Publicações
Subsecretaria de Edições Técnicas

Clodomir Cardoso

Coleção Grandes Vultos que Honraram o Senado

Obra organizada por Luciano de Sousa Dias,
com 580 páginas. Traz a biografia do Senador
da República Clodomir Cardoso, seu perfil
parlamentar, resumo de suas atividades
públicas, discursos e projetos.

Preço por exemplar: R\$ 10,00



Conheça nosso catálogo na Internet

www.senado.gov.br/web/seepcat/catalogo.cfm

Para adquirir essa ou outra publicação:

- 1 - Confirme o preço e disponibilidade pelo telefone **(061) 311-3575**;
- 2 - Efetue depósito, no valor total da compra, em nome de **FUNSEEP**, agência **3602-1**, do **Banco do Brasil**, Conta-corrente **170.500-8**, preenchendo o campo "depósito identificado (código dv)/finalidade" com o código **02000202902001-3** (obrigatório);
- 3 - Para sua segurança, mantenha cópia do comprovante do depósito;
- 4 - Encaminhe o formulário abaixo (se necessário, anexe lista das publicações desejadas), acompanhado do comprovante **ORIGINAL** do depósito, para:

Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal
Via N2 - Unidade de apoio III - Praça dos Três Poderes
70.165-900 - Brasília - DF

Nome:			
Endereço:			
Cidade:		CEP:	UF:
Publicação	Quantidade	Preço Unit. (R\$)	Preço Total (R\$)



EDIÇÃO DE HOJE: 40 PÁGINAS